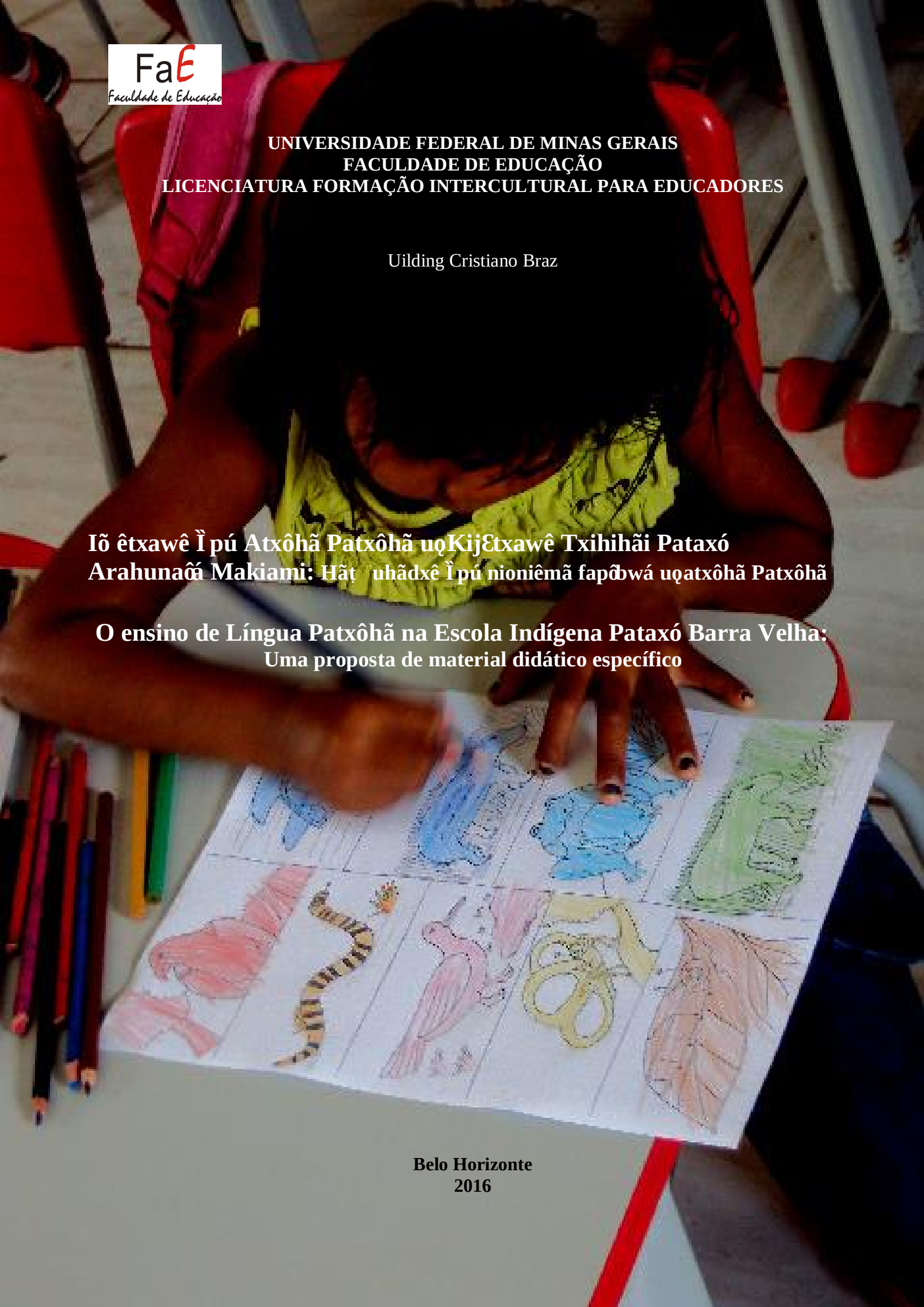
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES

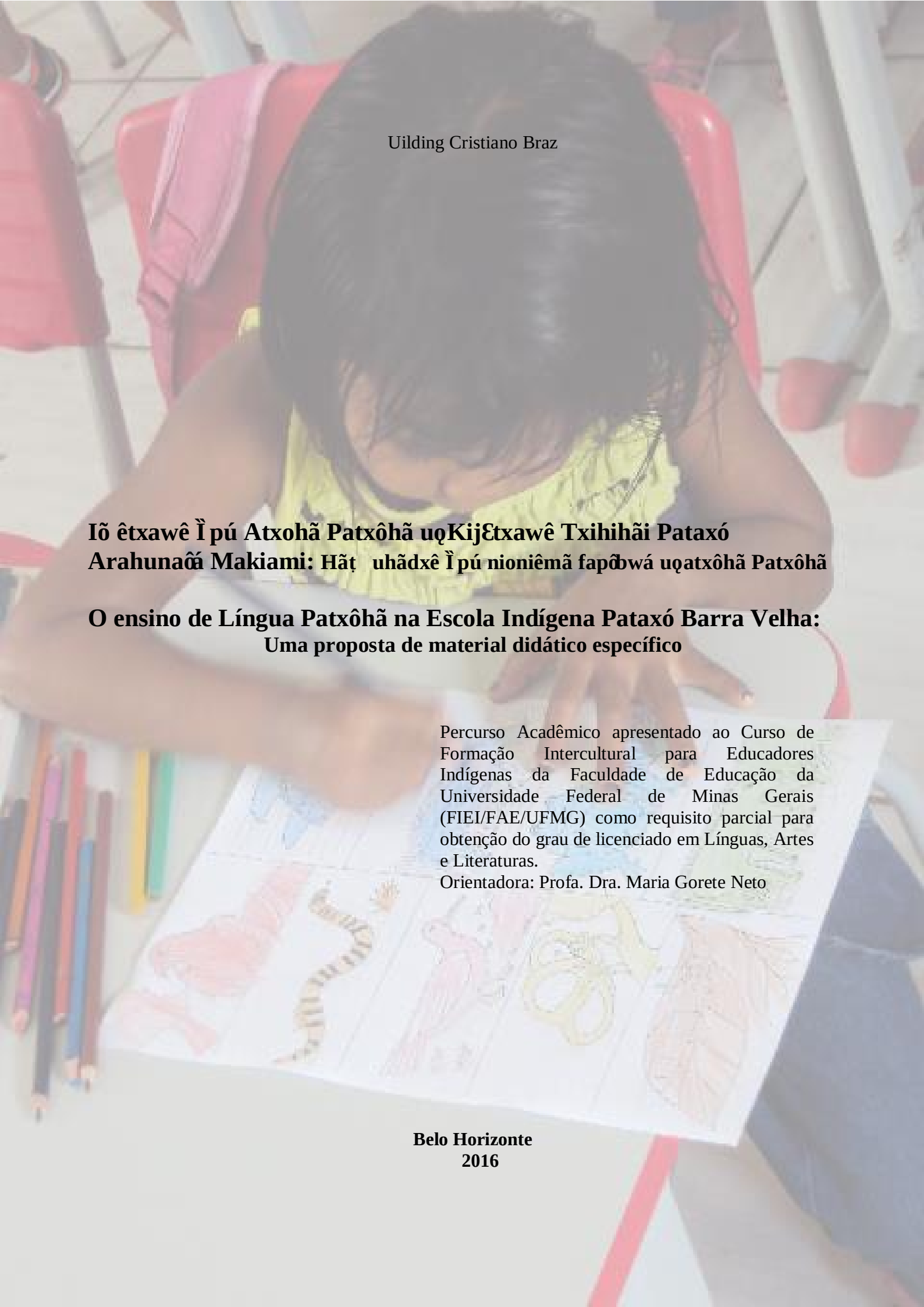
Uilding Cristiano Braz

Iõ êtxawê Ì pú Atxôhã Patxôhã uǫKij£txawê Txihihãi Pataxó Arahunaôá Makiami: Hãt uhãdxê Ì pú nioniêmã fapɔbwá uǫatxôhã Patxôhã

O ensino de Língua Patxôhã na Escola Indígena Pataxó Barra Velha: Uma proposta de material didático específico



Belo Horizonte
2016



Uilding Cristiano Braz

Iõ êtxawê Ìˈpú Atxohã Patxôhã uǫKijƐtxawê Txihihãi Pataxó Arahunaôá Makiami: Hãṭ uhãdxê Ìˈpú nioniêmã fapôbwá uǫatxôhã Patxôhã

O ensino de Língua Patxôhã na Escola Indígena Pataxó Barra Velha:
Uma proposta de material didático específico

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Línguas, Artes e Literaturas.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Neto

Belo Horizonte
2016

PÂKTÊ IтP IHNÛY PATAXÓ ï AGRADECIMENTOS AOS IRMÃOS PATAXÓ

.Hãţ niotxikajoôţhé sonarú Ì pú niotxikajo .ñãñã i£hã ahõhê hãţ niotxikajoôţhé ahnã mêõáôré apêtxienã urumã dxáõá pôkâkeyôxó kãnãp sahã Ì xé kâupetõp makiami .ê pútxepây mõdxê txõg areneáôxó Ì g amixôxó mukarí hÌ topehêp Ì g kêpayp

Uma árvore nova nasce de uma árvore velha. Assim como uma árvore nova eu sou um jovem que busco minhas raízes em meus velhos. Desta forma aqui falo e escrevo junto com eles e elas:

KarÌ xo dendê Pataxó, Murioba Pataxó, Arawê Pataxó, Tupawey Pataxó(em caminhada pelo outro mundo), Minervina Pataxó(em caminhada pelo outro mundo), Kanátyo Pataxó, Raoní Pataxó, Tawá Pataxó, Wrukurunã Pataxó, Arypôtxê Pataxó, Xorró Pataxó, Joel Pataxó, Kurumatã Pataxó, Wyrapurú Pataxó, Arikurí Pataxó, Lindalva Pataxó, Maria da Glória Pataxó, Luciene Pataxó, Siwê Pataxó, Saniwê Pataxó, Baiara Pataxó, Ademário Pataxó, Awoy Pataxó, Ajurú Pataxó, Apon£ Pataxó, Adalto Pataxó, Aurenilson Pataxó, Francis Pataxó, Itajá Pataxó, Suruy Pataxó, Niomaktxi Pataxó, Tohõ Pataxó, Sinhorinha Pataxó, Mico Pataxó, Alício Pataxó, Braga Pataxó, Anari Pataxó, Patxió Pataxó, Dona Ana Pataxó, Pedro Braz Pataxó.

Estas são as pessoas com as quais conversei e converso. Foram elas as quais busquei histórias de vida e histórias sobre meu povo para escrever e deixar registrado. A estes guerreiros e guerreiras os meus sinceros agradecimentos e imensa gratidão por ter contribuído neste trabalho e por passar os seus conhecimentos, alegrias e tristezas nos momentos das conversas.

Desta forma dedico este trabalho a todos que contribuíram nesta caminhada, os nossos anciãos e anciãs, e a todos os parentes das aldeias Pataxó. Dedico aos meus pais por sempre estarem presentes em minha vida, a toda a minha família, e às crianças de minha aldeia, pois foi através delas que aprendi muitos valores, nas brincadeiras, nos momentos das rodas do Hawê Heruê, na força do canto da oração e principalmente no olhar, no sorriso e na alegria que transmitem com suas pequenas-gigantes vidas.

PÂKTÊ Iъ HOTXOMÃ IHNÛY ï AGRADECIMENTOS A TODOS IRMÃOS(A)

Primeiramente agradeço ao grande NiamisỲ por conceder cada dia de minha vida e por colocar pessoas tão especiais em meu caminho para que pudesse conhecer e aprender a viver junto com elas. Aos meus parentes Pataxó, que contribuíram direta ou indiretamente neste trabalho como o Arawê, KarỲxo, Murioba, Itajá, Sarakury, Arypôtxê, Wrukurunã, Wyrapurú, Akerlan, Frances, Kurumatã, Raoní, e a todos os meus parentes. A todos do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas ï FIEI, em especial à minha parente orientadora, a professora Maria Gorete Neto, que sempre esteve conosco durante a nossa caminhada aqui na UFMG, aos parentes como o professor Josiley, professor Carlos, Rodrigo, Gilcinei, Ana Gomes, Shirley que sempre nos acompanhou de perto, Marcos Scarassatti, Vanessa Tomaz. Aos nossos representantes do colegiado, os que estão e os que por aqui passaram, às lideranças indígenas, Pataxó, Pankararú, Xakriabá, Guaraní, que nos acompanharam e acompanham neste curso. Aos bolsistas, em especial Gustavo Tanus, Cynthia Carrilo, Gabriela. Aos meus ihnûy Luiz Pankaraú, Izaque Guaraní, Graziane Pataxó, Thiago Pataxó, Saniwê Pataxó, Vislandes Pataxó, Wiry Pataxó, Leandro Pataxó, Moisés Pataxó, Emerson Pataxó, Ektanay Pataxó e a todos que fazem parte desta grande família FIEI e da família de Línguas Artes e Literatura.

?IÕ DXAôÁ PETÕI UÇTÃÇAKUÊG - RESUMO

Neste trabalho busco registrar, entender, valorizar e fortalecer o processo de retomada linguística do nosso povo e a luta pelo ensino de nossa língua ancestral-materna ï o Patxõhã, na escola. Para isso, fiz pesquisas na aldeia com anciãos, lideranças e professores buscando dar voz às muitas pessoas da comunidade que participaram e participam destes processos. Como a língua é alvo de muitas discussões e controvérsias, fiz pesquisas bibliográficas a fim de dialogar e refletir sobre os conceitos de língua. O de visão estruturalista, que é um conceito rígido, fechado, e o novo conceito de língua, mais amplo, complexo e que entende a língua, não apenas como um elemento fechado ou isolado, mas que considera os fatos sócios históricos e as consequências destes fatos para vários povos indígenas, principalmente os do nordeste. Além destas reflexões e discussões acadêmicas referentes ao conceito de língua, e os significados atribuídos a ela pelos indígenas, reflito sobre a fase em que nós Pataxó estamos - a fase do revivenciamento linguístico. Por fim, proponho a confecção de um material didático específico que possa fortalecer ainda mais o ensino da língua ancestral-materna ï o Patxôhã, na(s) escola(s) Pataxó. Espero que as discussões possam contribuir no reconhecimento, valorização, e fortalecimento das línguas minoritárias, e que possamos ampliar nossa visão de mundo, não apenas com relação às línguas, às especificidades de cada povo, mas que possamos viver em um mundo de mais igualdade, paz, respeito e harmonia, mesmo sendo diferentes.

Palavras-chave: Material didático; ensino; língua Patxôhã; Aldeia Barra Velha.

?AHÕHÊ TOROTÊ ÊKWÔõTXÊ IÕ AKUÊG - SUMÁRIO

IHÁBNKÁ ê PÚ KÕPOKIXAY 7

1. O TEMPO NA ALDEIA E O TEMPO FORA DA ALDEIA 11

Histórico do Povo Pataxó e da aldeia Barra Velha ..... **Erro! Indicador não definido.**

A aldeia Barra Velha ..... **Erro! Indicador não definido.**

1.2 O Fogo de 51 e a luta pela terra 18

1.3 Um pouco do contexto linguístico Pataxó 24

2. OS TEMPOS DAS ESCOLAS 26

2.1 A escola antigamente: A escola ãgwá Ì pú hemÌ gãy 27

2.2 A escola atualmente em minha aldeia 31

3. A LUTA PELO PATXÔHÃ E O ENSINO DESTA LÍNGUA NA ESCOLA 35

3.1 Refletindo sobre um novo conceito de língua 38

3.2 Um pouco da pesquisa realizada sobre o Patxôhã 40

3.3 Memórias de professores e lideranças da aldeia Mãe sobre o início dos trabalhos com o ensino da língua Materna Pataxó ï o Patxôhã 46

3.4 Minha experiência como orientador de Língua e Cultura Pataxó 55

3.5 Alguns desafios no ensino do Patxôhã 56

4. A PROPOSTA DO MATERIAL DIDÁTICO EM LÍNGUA PATXÔHÃ 63

Considerações finais 69

Glossário 71

Referências 72

IHÁBNKÁ ê PÚ KÕPOKIXAY - INTRODUÇÃO

.Ahnã mêôáôxó Aôatxutxihiputuxoop txayá kâupetõp taputarí famoxí hãhúhêhê Ìpú Txihí Pataxó. Kâupetõ kohtú Ìpú ǫdxihí mêôá Uilding Cristiano Braz. Ahnã mêôáôxó konehõ Ìpú Lindalva Cristiano Braz Ìg Nabor da Conceição Braz, mêôáôxó ihnuy Ìpú Dária, Maria Dôajuda Ìg Indaiá Cristiano Braz. Edhú hÌ iƐ ǫhé Maria Aparecida Ìg petõiôxó hãţ kitokôǫhé hãhúhêhê Sarakali ï Aksã Putuxoop

.Mêôáôxó upã pataxí Txihihãi Pataxó Arahunáôá Makiami ,pataxí Imamakã, iƐ irêk sonarúôã, ãkirêôã, arƐgáôã, maroxǫôã Ìg iõ txagôrú irêk akuêg Ìg edhú hÌ kanã patamionã .Ahõhê txõghí arenêôáôã anerê maroxǫôã uǫ pataxí ,txayá ãhô txeã uǫ Pataxí Arahunáôá Makiami .Petõiôã apêtxienã akapiatá dxaôá kanã patamionã mõj soemõôtxƐ dxahá txuk dxahá Pataxí txóp taputary Ìpú Minas Gerais uǫmunicípio de Carmésia .ê xehã kanã patamionã môj dxahá higuá Ìg kaxikayôã nitxƐ ãghõ edhúôirá ikô higuá .IƐhã ahnã, iõp konehõ Ìpú kaupetõp tamonetá, Ìg kanãp ǫehemã ihábnkáôã maroxǫ .IƐ kijƐtxawê mêôáôã Escola Estadual Indígena Pataxó Bakumuxá .Môj higuá dxáôá ahnã ariponãôã tukjú uǫhêp Ìg patxitxá tomƐpuhú ñrabiscosò .Iõ dxáôá ahnã ariponã higuá ãhô unãtúôã Ìg ûmipôxó hÌ ahnã dxáôá mêôá iõ iktôy Ìpú kanã pakhê .Ãtây ariponãôã hÌ apêtxienã ipakâié dxáôá suniatáôã, hamiáôã arƐgáôã Ìg areneôáôã nitxi awakã baixú .Mêôá uǫtãǫ ipakâié dxáôá ahnã patxitxá kaupetõ triokáôxó Ìpú pohƐhaw Ìg kâupetõ akuêg hÌ iõp konehõ Ìpú kaupetõp taputary upã pataxí Arahunáôá Makiami

Eu sou Aôatxutxihiputuxoop que quer dizer homem de espírito Pataxó, mas meus parentes me chamam apenas de Txihí Pataxó. Meu nome de ǫdxihí é Uilding Cristiano Braz. Sou filho de Lindalva Cristiano Braz e Nabor da Conceição Braz, e irmão de Dária, Maria Dôjuda e Indaiá Cristiano Braz. Sou casado com a ǫhé Maria Aparecida, com a qual tenho uma kitokôǫhé chamada Sarakali (Aksã Pataxó).

Sou da aldeia Indígena Pataxó Barra Velha, aldeia Mãe, na qual nasci, cresci, brinquei, estudei, e o lugar onde atualmente trabalho e moro com meus familiares. Como já dito sempre estudei na aldeia, mas isto não que dizer que só em Barra Velha, pois tive o primeiro contato com a escola em outra aldeia, na antiga aldeia Pataxó Retirinho ï MG, onde entrei na escola pela primeira vez na vida.

Minha família sempre viveu na aldeia Barra Velha, mas nesta época eles foram convidados pelos parentes Pataxó de Minas Gerais a irem passar uns tempos na aldeia Pataxó que fica localizada no município de Carmésia ï MG. Então minha família aceitou ir para aldeia em que ficamos aproximadamente 08 meses. E foi assim que alguns primos, minha

irmã e eu começamos a estudar. A escola era denominada de Escola Estadual Indígena Pataxó Bakumuxá. Foi lá que aprendi a pegar no lápis, a fazer alguns ñrabiscosò. Algo que aprendi e que trago comigo ainda hoje é a valorização de nossa Cultura Pataxó, a qual aprendi a respeitar e valorizar com um professor que na época cantava, dançava, brincava e contava muitas histórias. Através deste professor que busco reflexo em minha vida, e atualmente me espelho nele para trabalhar com os filhos dos meus parentes da aldeia Barra Velha. Professor este que é um jovem velho guerreiro Pataxó, conhecido como Kanátyo Pataxó. Além dele busco praticar o que aprendi em minha primeira escolinha com minhas professoras Luciene Pataxó e Lucidalva Pataxó. A essas pessoas minha imensa gratidão por fazerem parte de minha vida.

Após, os oito meses em Minas Gerais, retornamos para a aldeia Barra Velha onde continuamos os nossos estudos.

No ano de 2010, nós, da turma do terceiro ano do Ensino Médio, concluímos essa etapa de estudos em nossas vidas, em nosso lugar de origem ï na aldeia Barra Velha. Dois anos depois, em 2012, entrei na Escola Indígena Pataxó Barra Velha, agora não para estudar e sim para trabalhar como professor de nossa língua ancestral-materna ï o Patxôhã.

Em 2011, fui convidado para prestar um trabalho na escola como professor substituto da disciplina de Patxôhã no ensino fundamental II. Desta forma, obtive um pouco de experiência como professor. No final do ano conversei com o então diretor escolar, Aurenilson Pataxó, e na conversa perguntei sobre como estava a escola com relação ao quadro de professores e ele falou que haveria uma oportunidade, pois, neste período a escola estaria fechando o ano e o contrato dos funcionários venceria. E no ano seguinte haveria um processo seletivo como de costume do município de Porto Seguro, pois há muito que não acontecia um concurso. E então no início de 2012, fiz o processo seletivo e consegui a vaga de trabalho. Desta forma, neste ano entrei na escola como professor regente da disciplina de Patxôhã no ensino infantil. Ainda neste mesmo ano ingressei no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Com o ingresso na Universidade ganhei a oportunidade de realizar essa pesquisa com a intenção de fortalecer ainda mais este processo de revitalização da língua Pataxó ï o Patxôhã. Com o pensamento agora, no revivenciamento da língua, ou seja, entendendo que se o processo de revitalização, que foi através de pesquisas de catalogação e organização do vocabulário Pataxó, o revivenciamento seria um segundo passo com relação à língua, ele seria

o uso mais regular da língua oral no cotidiano da(s) escola(s) e aldeia (a) Pataxó. Desta forma pensando nessas práticas orais da língua Patxôhã é que pude realizar esse trabalho. Além disso, o que me inspirou bastante para a realização desta pesquisa foram as dificuldades encontradas ao trabalhar em minha comunidade como professor desta disciplina.

Muitas vezes me deparei com situações em que ficava a pensar como poderia ajudar minhas crianças e minha aldeia a falar novamente a língua? Como poderia trabalhar em sala de aula de uma forma que chamasse a atenção das crianças para que elas pudessem gostar de aprender a língua Pataxó? Muitas vezes me sentia pequeno e, além do mais, ainda inexperiente nesta área que é a de ensino de língua indígena como segunda língua. Visto ter pouco conhecimento sobre esta questão, com poucos materiais pedagógicos específicos que tratassem do assunto, para mim, a alternativa foi usar a criatividade como ferramenta de confecção de materiais pedagógicos para trabalhar em sala de aula. Conversei várias vezes com os colegas da escola para ouvir relatos de experiências e com isto me inspirar para fazer novas pedagogias de ensino. Isto tudo para que pudesse dar o meu melhor para as minhas crianças, pois me preocupo muito com relação ao aprendizado da língua pelas txawã Ì pú kanã pataxí, pois serão elas, num futuro bem próximo, quem estarão no lugar de meu pai, minha mãe, tios e tias, primas e primos e até mesmo no meu em nossa comunidade. Ou seja, minha preocupação e sentimento é principalmente com as crianças no futuro. O que elas irão dizer sobre seu próprio povo? Como estarão vivendo na aldeia e como será a relação com a nossa cultura? Será que elas pensarão em uma cultura como um elemento que as identifiquem? Elas estarão falando a língua Patxôhã?

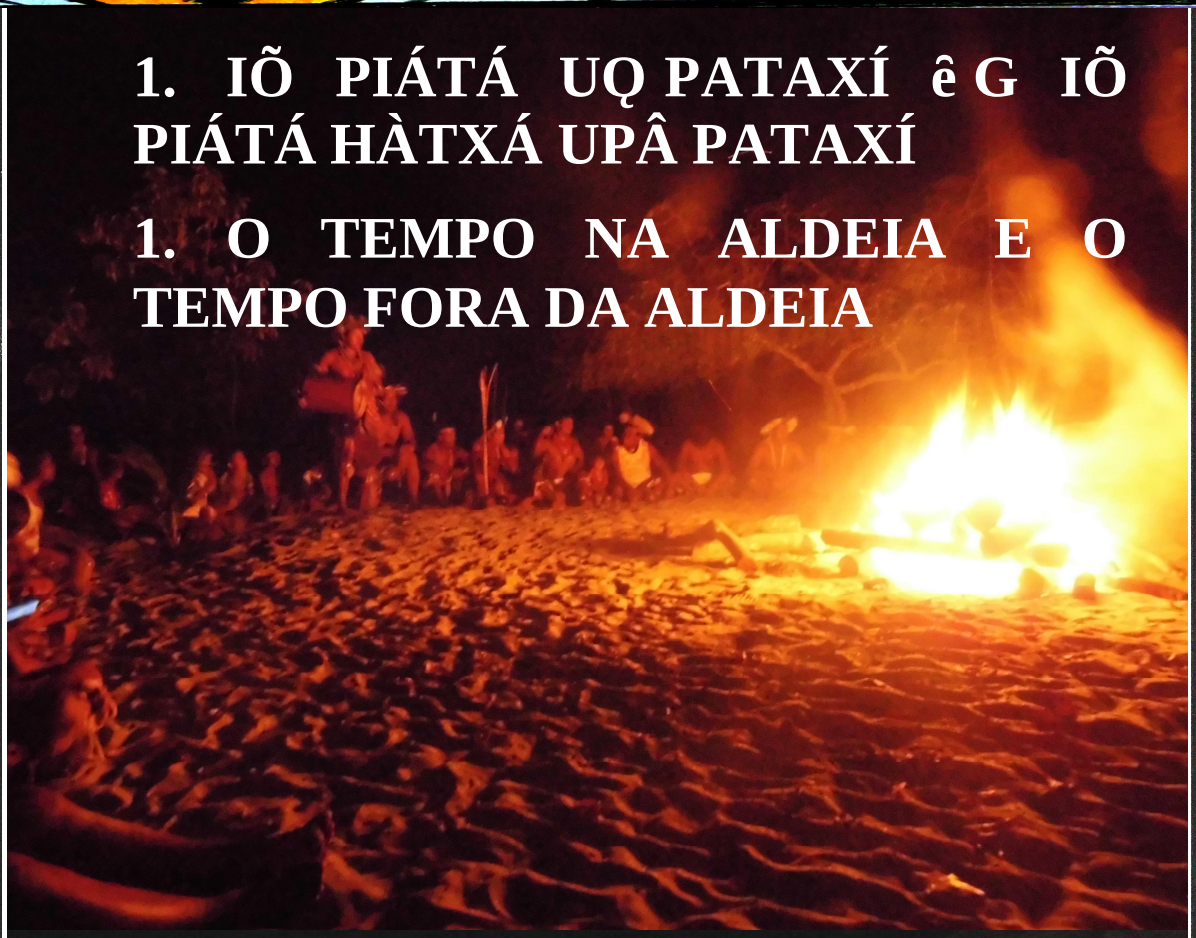
Desta forma, pesquisei sobre a escola, a língua Patxôhã e o ensino dessa língua em nossa escola, com o objetivo de registrar a história da língua Patxôhã, compreender a fase em que estamos atualmente, e principalmente refleti juntamente com os parentes professores, como está acontecendo o processo de ensino aprendizagem da língua, as dificuldades, os avanços e as demandas. Para que através dessa reflexão, possamos propor uma produção de um material didático que possa auxiliar os professores e professoras de Patxôhã em suas práticas cotidianas em sala de aula. E desta forma, valorizar e fortalecer ainda mais a luta pelas políticas linguísticas que nosso povo tem feito neste processo de retomada da língua.

Para a pesquisa, fiz entrevistas com lideranças, anciãos, coordenadores e professores de língua Patxôhã, os mais recentes e veteranos, para analisar e refletir sobre as demandas, as dificuldades e os avanços que tínhamos e que temos com relação ao ensino do Patxôhã, buscando, assim, melhorar cada vez mais a forma de ensinar a língua na escola.

Ao refletir sobre essas demandas, proponho a confecção do material didático específico com o intuito de colaborar neste processo do ensino aprendizagem da língua Patxôhã na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha, assim como em outras escolas Pataxós.

1. IÕ PIÁTÁ UQ PATAXÍ ê G IÕ PIÁTÁ HÀTXÁ UPÂ PATAXÍ

1. O TEMPO NA ALDEIA E O TEMPO FORA DA ALDEIA



1. IÕ PIÁTÁ UQPATAXÍ ê G IÕ PIÁTÁ HÀTXÁ UPÂ PATAXÍ ï O TEMPO NA ALDEIA E O TEMPO FORA DA ALDEIA

Awakã txó hãhãhãi Pataxó Ì g upã pataxí Arajunaôá Makiami ï Histórico do povo Pataxó e da aldeia Barr Velha

A história tem que ser contada pelos troncos,
não pelas pontas, tudo tem começo na vida.
(Uma história de resistência, 2007, p.11).

Cada povo tem sua história, cada povo conta suas histórias, mas nem todos, ainda hoje, têm a acesso às tecnologias, como a escrita, para registrar no papel sua verdadeira história. Por isso, muitas pessoas constroem suas ideologias através do que ouvem ou do que leem. Desta forma, nós indígenas, somos até hoje ignorados, ou invisíveis para muitos do mundo não indígena. Embora muitos amigos não indígenas tenham escrito histórias de nossos povos, contando um pouco da realidade, mas, muitos ainda escrevem ou publicam materiais contando fatos não verdadeiros, implantando uma ideia errônea com relação a nós, povos nativos tradicionais do Brasil.

Atualmente, só depois de mais de 516 anos de perseguição política, de massacres irreversíveis, tanto social quanto culturalmente, é que nós estamos tendo a oportunidade de escrever nossas histórias. Desta forma, hoje estou tendo a oportunidade de contar um pouco da história de meu povo para o Brasil e para o mundo, com a ideia de levar o conhecimento para as pessoas de como é um pouquinho de nossa vida, sob o meu ponto de vista.

Quando um de nossos anciãos fala ñA história tem que ser contada pelos troncosò, fala com muita seriedade sobre algo que ele vem vendo ou ouvindo por aí. Certamente ouviu alguém contar uma história sem raiz, sem galhos, muito menos troncos, e, por isso, não gostou do que disseram. Assim como ele não gosta de ouvir histórias que não contam realidade, também não gosto nem de ouvir, muito menos de ler histórias que difamam ou distorcem informações contra nós povos nativos milenares deste país. Digo isto devido muitas vezes, as mídias televisivas transmitirem informações contrárias, muitas vezes colocando na cabeça das pessoas a ideia de que somos o atraso para o país. Muitas vezes o próprio governo, assim como desde o início, banca essas atitudes. Então, estamos agora escrevendo a nossa história para que ela seja contada com o nosso olhar, com nosso jeito de pensar e ver o mundo. Agora sim a história será contada, não simplesmente contada, ela será contada com um olhar diferente, com o olhar Pataxó.

Iɛ pataxí Arahunaôá Makiami ï A aldeia Barra Velha

A aldeia Indígena Pataxó de Barra Velha está localizada no Território Indígena Pataxó Barra Velha, no município de Porto Seguro, extremo sul da Bahia. Segundo alguns dados

coletados no *Inventário Cultural Pataxó* (2011) a aldeia foi constituída no ano de 1861, por determinação do governo da província da Bahia.

Conforme as pesquisadoras Pataxó Vanuzia Bonfim Vieira e Tatiana Silva Oliveira (2013, p. 11), "De acordo com as muitas histórias contadas pelo povo Pataxó, o nome da aldeia sempre foi Barra Velha, mas, há muitos anos chegou aqui um padre chamado Maximiliano e pediu que os indígenas mudassem o nome da aldeia para Bom Jardim". Este nome idealizado pelo padre foi proposto por motivo de que a aldeia era cercada por pés de jasmins. Então ele dizia para os mais novos da aldeia que o nome deveria ser Bom Jardim. Porém, o nome não ficou por muito tempo. Os mais velhos vendo essa situação começaram a afirmar que o verdadeiro nome da aldeia era Barra Velha e não deveria mudar. Por isso, a aldeia sempre foi Barra Velha.

Segundo as histórias, este nome é devido ao fato de que há muito tempo havia uma barra (encontro do mar com o rio) que ficava num lugar aqui da aldeia denominado Pistola. Essa barra, segundo os anciãos, encontrava com a lagoa atual, passava por dentro da aldeia, até chegar ao encontro com rio Caraíva, num lugar chamado Porto do Boi.

A partir desse nome dado pelos mais velhos é que a aldeia começou a ser chamada de Barra Velha. Depois de muito tempo a barra que ficava no Pistola mudou e pocou[1] a aproximadamente cinco a seis quilômetros a Sul, num povoado de pescadores denominado Corumbau. Atualmente a barra fica entre o Corumbau a sul e a aldeia Pataxó Bugigão ao norte. Mas, muitos parentes dizem que a barra um dia ainda vai voltar para o seu lugar antigo e passará por dentro da aldeia novamente.

Antes da chegada dos não indígenas, nosso povo vivia livre pelas grandes matas em busca de caças, coletando frutas, procurando lugares próximos a rios para a captura de peixes. Passavam um bom tempo pelas matas e depois iam descendo para o litoral. Aqui a beira mar, no período de Mayõ ǫxê (lua cheia), coletavam mariscos e à noite faziam seus rituais. Os anciãos contam que antigamente eles não tinham moradias fixas, pois viviam sempre em busca de viver em lugares que proporcionassem o alimento para todos. Assim, andavam por toda aquela mata delimitando e fiscalizando, de certa forma, o território.

Nessas caminhadas se encontravam com outros povos, dentre os quais estão os ihnûy (irmãos) Maxakali e os nossos arquirrivais Botokudos. Nessa época, e ainda hoje, a luta não era na questão de querer terra para poder ganhar dinheiro e sim para garantir o meio de subsistência de todo o povo. Muitos anciãos Pataxó e os parentes Maxakali também contam

[1] Pocou é uma expressão usada pelos Pataxó para se referir ao deslocamento da barra para outra localidade.

que os povos Pataxó e Maxakalí, nesta época, lutavam juntos contra os Botokudos, pois, segundo eles, os Botokudos eram inimigos. Dizem que eram uns índios altos, fortes, usavam epkorab (pedaço de madeira usado na orelha ou lábios) nas orelhas e, por isso, tinham umas orelhas grandes e por ser altos tinham também pés grandes. Além disso, usavam arcos grandes e eram bons atiradores de flecha. Muitas vezes os Pataxó lutavam sozinhos e outras se aliavam com outros parentes e principalmente com os Maxakali, tendo assim uma convivência de irmandade e companheirismo entre estes povos. Por isso, até hoje temos muitas semelhanças com os ihnûy Maxakali.

No caso dos Botokudos, quando os Pataxó perdiam a luta eles levavam os feridos para servir de alimento ou para ficar trabalhando para eles. E quando os Pataxó ganhavam a luta não deixava ninguém vivo também, pois muitas vezes os Botokudos invadiam as moradias dos Pataxós e levavam as mulheres e crianças. Devido a estes contatos é que falamos até hoje muitas palavras que os Botokudos e os Maxakali entendem.

Referente a alguns comportamentos dos Pataxó o príncipe Maximiliano Wied Neuwied, viajante austríaco que caminhava pela região entre 1816 a 1817, relata vários episódios de contato entre Pataxó e não indígenas, episódios estes que nem sempre eram de amizade, pois enquanto o príncipe estava na região descreveu alguns acontecimentos. Dentre eles, descreveu um ataque contra os moradores da vila do Prado, a troca de cera de abelha por comida ou tecido e a venda de uma índia possivelmente do Povo Botokudo:

> [...] tanto os Patachós como os Machacaris vivem nas florestas da região, às margens do Jucuruçu. Os últimos sempre se mostraram mais inclinados à paz com os brancos do que os primeiros, que somente chegaram a um acordo amigável havia três anos. Pouco ano disso, porém, surpreenderam na floresta alguns habitantes do Prado, ferindo o escrivão e matando várias pessoas. Os Machacaris amigos foram depois chamados como medianeiros da paz com os Patachós.[...]Parece que ambos os povos se aliaram com os Botocudos, e que tratam os prisioneiros como escravos, pois, no Prado, uma menina botocuda foi, há pouco tempo, oferecida à venda. [...] Vagueiam pelas matas, e suas hordas surgem, alternadamente, no Alcobaça, no Prado, em Comechatiba, Trancoso, etc. Chegando a qualquer lugar, os moradores lhes dão algo para comer, trocando com eles miudezas com cera e outros produtos da mata, após o voltam as brenhas. (WIED, 1840, citado por CRUZ, 2015, p. 14-15).

Então era desta forma que vivíamos antes da chegada dos qdxihi em nossas terras. Com muita liberdade para andar e viver pelas grandes matas e pelo território que nossos NiamisÌ deixaram para nós. Cuidamos muito bem de nossa mata e de nossas terras até que chegou o homem da outra esfera criadora e foi destruindo tudo. Enquanto vivíamos livres

pelas grandes matas os qdxihi planejavam nosso extermínio. Como sempre andávamos por estas partes do litoral, vimos sufocados pelos qdxihi e ficamos ocupando apenas esta área do sul de Porto Seguro, pelo motivo de já termos uma grande relação com a mata, com o mangue e com a praia daqui.

Mas nosso povo sempre caminhava muito por toda esta faixa de mata atlântica que tem no litoral. Caminhávamos do litoral até Minas Gerais, Espírito Santo. Todas essas matas eram nossas e de nossos ihnûy Maxakali, Capuchos, Cumanachós, Panhamis, Botocudos entre outros povos. Segundo o *Inventário Cultural Pataxó* (2011), esta área do monte Pascoal era conhecida como os sertões da Capitania de Porto Seguro. Na época, era designada assim toda área de floresta ainda indomada em que a coroa portuguesa tinha pouca informação, onde havia ñíndios bravosò e animais ferozes. Então Pataxó ficou muito conhecido por sua ñvalentia e agressividadeò sendo desta forma uma grande barreira para a entrada da colonização nestas terras.

> Nos vastos sertões da antiga Capitania de Porto Seguro, os Pataxó e outros grupos indígenas eram senhores de suas terras. Ao não aceitar aliança com os colonizadores e nem admitir a conquista de seus territórios, desta forma os Pataxó se transformaram em obstáculos da colonização e inimigos dos portugueses. (POVO PATAXÓ, 2011, p. 23).

Percebendo o grande obstáculo para a colonização dos indígenas desta região a Coroa portuguesa resolve criar em 1763, uma ouvidoria para governar a Capitania de Porto Seguro onde seu principal objetivo seria o fornecimento de alimentos para a cidade de Salvador e do Rio de Janeiro. Para que isto viesse a acontecer era necessário que transformasse os ñíndios hostisò em ñcivilizadosò.

> Assim, para fazer de Porto Seguro um território civilizado seria necessário converter seus moradores indígenas ao catolicismo e organizá-los política, econômica e juridicamente de acordo com os modelos europeus, transformando-os em produtores inseridos no mercado e em súditos ferradores de impostos. (POVO PATAXÓ, 2011, p. 24).

A partir de então foram criadas as vilas para os índios aliados dos portugueses; nelas teriam escolas para as crianças aprenderem a língua portuguesa, as casas seriam de estruturas europeias e os costumes indígenas seriam severamente proibidos. Desta forma as novas vilas de índio da Capitania de Porto Seguro foram criadas com os objetivos de assegurar os moradores não indígenas, a realeza e os viajantes contra os ataques dos tais ñíndios bravosò. Além do mais era uma tentativa de obrigar os índios ñselvagensò a não atacar mais a

população. Dentre as vilas criada estão: São Mateus, criada, em 1764, Prado em 1764, Belmonte em 1765, Viçosa em 1768, Porto Alegre em 1769 e Alcobaça em 1772. (POVO PATAXÓ, 2011).

Com a criação das vilas a Capitania de Porto Seguro se desenvolveu muito economicamente e para que o crescimento não parasse, os qdxihi precisavam roubar ainda mais nossas terras. Mas, nosso povo junto com outros ihnûy não aceitaram isto. Muitos povos foram obrigados a fugir para as vilas dos índios aliados, para não ver seu povo ser exterminado brutalmente. Outros sumiram, entraram e viajaram para o interior das grandes matas, e outros resolveram enfrentar os qdxihi e acabaram atacando as povoações coloniais, destruindo tudo que havia nestes locais como casas, plantações, fazendas e, com isso, acabaram matando alguns qdxihi. Isto causou mais raiva ainda nos qdxihi.

Segundo o *Inventário Cultural Pataxó* (2011), em meados do ano 1808, o Príncipe Regente D. João VI resolveu institucionalizar a violência como principal instrumento para a conquista dos sertões:

> [...] O resultado deste laborioso plano foi a decretação da Guerra Justa aos índios dos sertões das Capitanias de Ilhéus, Porto Seguro, Minas Gerais e Espírito Santo, em 1808. [...] essa medida legalizou o extermínio, a escravização e a apropriação das terras dos índios Pataxó, Maxakali, Malali, Krenak e Kamakã. (POVO PATAXÓ, 2011, p. 29).

Com esta legalização de matar os indígenas para roubar-lhes suas terras, foi entregue ao Capitão-mor João de Siqueira a coordenação para assassinar os indígenas do sertão da Capitania de Porto Seguro. A partir de então, conforme POVO PATAXÓ (2011, p. 30), ños índios que fossem encontrados com arma em mãos seriam considerados óprisioneiros de guerraô e trabalhariam como escravos por 10 anos ou ópenquanto mostrarem conservar a natural ferocidade e antropofagiaô. Além disso, ñAs terras habitadas por esses índios deveriam ser ocupadas por colonos, que teriam isenção de impostos por 10 anos, contanto que desenvolvessem óuma cultura permanenteôò. Porém, o nosso povo, os ihnûy Maxakali juntamente com os Botocudos não deixaram de lutar por suas terras.

Em tentativa de evitar ataques nas vilas o ouvidor José Marcelino da Cunha, fez muitas barreiras militares no entorno das vilas, pois ficavam temerosos contra Pataxó, Maxakali e Botocudos. Afinal, nós éramos e ainda somos vistos por muitos como um grande obstáculo para o ñdesenvolvimento capitalistaò do país, apesar disso nem naquele tempo e nem agora deixaremos de lutar pelo que é nosso.

Este processo de perseguição contra nossos antepassados perdurou por quase todo o século XIX, até que os indígenas dos sertões resolveram atacar mesmo as vilas, assaltando as roças, devastando plantações e tirando vidas de qdxihi. Foi neste contexto que, em um documento de 1844, os fazendeiros resolvem propor ao governador da Província da Bahia a criação de um aldeamento.

Segundo o *Inventário Cultural Pataxó*, (POVO PATAXÓ, 2011, p. 31-33), como o país estava recentemente independente, teria outras preocupações como o de ñconsolidar o estado monárquico, conciliar os interesses das elites regionais e forjar uma nação unificada em torno de um projeto de manutenção dos privilégios herdados do períodoò colonialò, acabou não aceitando a proposta de imediato. Porém com ñas constantes denúncias dos moradores do Prado sobre a presença dos índios selvagens e errantes no entorno do Monte Pascoalò, o presidente provincial Antonio da Costa Pinto, em 1861, informa na Assembleia baiana a necessidade da criação de um aldeamento na região dos sertões. A localização do aldeamento foi nas proximidades do rio Corumbau, na aldeia Barra Velha.

A ideia do presidente seria de aldear todos os povos do tronco Macro-Jê, o que não aconteceu. Muitos povos, a exemplo dos Maxakali, entraram para o interior das matas e não foram aldeados. Para os qdxihi o aldeamento serviria como uma forma de ñpacificaçãoò dos indígenas com os colonos, e principalmente uma forma de roubar as terras devolutas, pois a lei de Terras de 18 de Setembro de 1850, dava todo direito ao Estado de doar nossas terras, através de títulos de terras, para quem bem tivesse o interesse. Com isso, os fazendeiros aliados com o Estado roubaram nossas terras do entorno do Monte Pascoal, para o avanço do plantio da mandioca, cacau, aumento da extração de madeiras, atualmente já extintas, para o desmatamento da nossa Mata Atlântica, e principalmente para a expansão dos pastos de gados.

Para tornar nosso povo sedentário, ñcivilizadoò, com ñalmasò e ñobedientesò foram enviados para a aldeia os padres capuchinhos para converter nosso povo aos dogmas religiosos e para viver igual qdxihi. Neste processo, fomos obrigados a conviver em uma cadeia, a viver presos em um pequeno espaço de terra que não corresponde nem a um terço de nosso território original.

1.2 Iõ joôpek Ì pú 51 Ì g i€ ikhã ikõ hãhão ï O Fogo de 51 e a luta pela terra

Após o aldeamento forçado nosso povo veio sofrendo cada vez mais para garantir o nosso direito de viver em nossas terras originárias. Segundo o *Inventário Cultural Pataxó*

(2011, p. 36-37), com a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal em 1943, e com a vinda do engenheiro denominado Doutor Barros, é que os Pataxó começaram a buscar seus direitos, visto ter sido enganados pelo tal Doutor que chegou com uma conversa que demarcaria as terras dos Pataxó. Porém, o que ele fez foi enganar nossos parentes para que os ajudasse a fazer as trilhas e a demarcar a área de criação do Parque. A partir de então, quando os Pataxó descobriram que aquela delimitação seria área de Parque procuraram meios de buscar o direito às suas terras. Assim, vários indígenas, entre eles o capitão da aldeia chamado Onório Ferreira, saíram para a capital com o objetivo de conversar com o governo e garantir o direito à terra.

Desta forma, segundo o *Inventário Cultural Pataxó* (2011, p. 37), em 1º de setembro de 1949, o Capitão Onório registrou suas reivindicações no SPI (Serviço de Proteção ao Índio). E ñnas conversas realizadas na viagem, os representantes do governo garantiram que enviariam técnicos para realizar a demarcação da terra indígena de Barra Velhaò (POVO PATAXÓ, 2011, p. 38).

Em 1951, dois indivíduos chegam à aldeia dizendo ser um engenheiro e outro tenente e que vieram para demarcar a terra do povo Pataxó. Com essa conversa, eles conquistaram a confiança dos Pataxó. Segundo o ancião KarÌxo Pataxó em conversa informal, esses dois cidadãos perguntaram onde teria uma venda para que eles pudessem comprar alimentos e ferramentas para o trabalho. E os parentes disseram que a única venda que teria essas coisas era no povoado do Corumbau.

Os dois sujeitos chamaram os homens Pataxó para irem junto com eles até o povoado. Então, com a confiança de que iriam comprar mantimentos para o trabalho os Pataxó aceitaram. Chegando lá, os parentes não sabendo de nada, foram chegando para perto da venda. De repente um dos forasteiros sacou uma arma contra o dono da venda chamado Teodomiro. Ele, vendo aquilo, pegou uma arma do balcão da venda e acabou atirando. Só que o tiro não acertou no indivíduo armado. A bala acabou acertando na perna de um índio. E então os outros Pataxó vendo aquilo não contaram com mais nada e acabou batendo e amarrando Teodomiro para trazer para Barra Velha. No caminho o senhor Luiz Ferreira, que na época era pré-adolescente ficou responsável de acompanhar Teodomiro.

Vendo a situação daquele homem, Luiz resolveu soltá-lo, pois os demais já estavam distantes, além do mais se Teodomiro chegasse à aldeia vivo os elementos o matariam. Então senhor Luiz soltou o dono da venda que conseguiu acionar através da linha telégrafa, os

policiais de Prado dizendo que havia sido saqueado e atacado pelos índios Pataxó e por dois homens brancos.

Ao chegar à aldeia os elementos colocaram terror na cabeça dos parentes onde fez com que todos ficassem reunidos e ainda obrigou um índio a cortar a linha telégrafa para que não houvesse comunicação. Mas, já foi tarde, no dia seguinte os policiais de Prado e Porto Seguro atacaram a aldeia. Os de Prado vieram do sul e os de Porto Seguro do Norte. No inicio do massacre os policiais de Prado atiram, e os de Porto Seguro responderam com outros tiros. Então os dois grupos pensaram que eram os índios que estavam armados. E ficaram com medo de atacar. Neste meio tempo muitos Pataxó conseguiram fugir e entrar nas matas.

Depois os policiais percebendo que os índios não estavam armados resolveram atacar a aldeia. A partir daí foi só massacre: mulheres e moças sendo espancadas, estupradas, crianças jogadas para cima e aparadas na ponta de punhal, índios comendo o couro de sua própria cabeça com pimenta, fogo nas casas, cavalos pisoteando velhos etc.

Depois de alguns dias de perseguição ao nosso povo que correu para as matas, veio a ordem de que não tinha sido os índios que haviam saqueado a venda e sim os dois forasteiros. E que não precisaria mais a perseguição e matança dos índios, pois os indivíduos já estavam presos. Embora os dois elementos tenham se autodenominado, os seus históricos e identidades verdadeiras ainda hoje é misterioso para nós.

Mas, acredito que foi mais um dos golpes do Estado contra nosso povo, visto que nesta época, algumas lideranças estavam no Rio de Janeiro para reivindicar os direitos sobre a terra. Como o país estava na época da ditadura militar, e como se sabe através da Comissão da Verdade, este foi um período em que aconteceu muito genocídio, etnocídio e expropriação de terras indígenas. Por isso, para o governo não era e nem é difícil forjar mais um ato de genocídio contra um povo indígena para roubar-lhes suas terras e doá-las aos fazendeiros. Desta forma não está descartada a hipótese de tentativa de genocídio contra o nosso povo.

Após o massacre ocorrido em 1951, a aldeia Barra Velha, passou a ser chamada pelos Pataxó como aldeia Mãe, visto que neste massacre todas as pessoas se dispersaram pelas matas e redondezas dos municípios de Porto Seguro, Prado, Itamarajú, Santa Cruz de Cabrália e para o Estado de Minas Gerais. Assim, os Pataxó reconhecem sua origem na aldeia Barra Velha chamando-a de aldeia Mãe.

A partir do massacre, muitas pessoas retornaram para aldeia Mãe, e muitos até hoje não tiveram coragem de retornar e pisar em sua terra nativa, pois, se emocionam muito até de falar. Se sentem traumatizados com o que viram e viveram naqueles dias de terror. Mas com a

volta de alguns parentes a aldeia foi ganhando força e então Epifânio Ferreira ficou sendo o Capitão da aldeia. Para dar mais força para a aldeia ele foi chamando um daqui, outro dali e juntando os parentes para fortalecer a aldeia novamente.

Após este reagrupamento, o nosso povo não esperava que o governo novamente quisesse tomar ou expropriá-los de suas terras. Foi o que aconteceu a partir do decreto 12.729, de 19 de Abril de 1943, que criou Parque Nacional do Monte Pascoal, ou seja, o governo ao criar o Parque não cessou a tentativa de expropriação ou retirada forçada de terras, infringindo a Constituição Federal, no artigo 232, parágrafo 5º que diz:

> 5º É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, ad referendum do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o riscoò (BRASIL, 1988, p. 45-46).

Desta forma a tentativa de expropriação de terras contra nosso povo também aconteceu durante a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, pois, além de ser uma invenção de interesse de alguns políticos, as condições de vida de nosso povo, após essa implantação, era de miséria e abandono, era um povo que estava ali confinado à morte, pois, não podia caçar, pescar, muito menos fazer a derrubada para fazer as roças. Desta forma, nosso povo buscou alternativas de sobrevivência através das frutas nativas dos campos, da coleta de mariscos na praia e no mangue. Para conseguir, a farinha e outros mantimentos, os Pataxó tinha que sair à noite para pegar piaçava nas matas. Isto devido aos guardas florestais do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), que não permitiam o nosso povo desenvolver suas atividades. Nessa época houve muitos conflitos de índios com os guardas como relembra o pajé da aldeia KarÌ xo Pataxó:

> [...] assim que era que o Siquara num deixava niguém trabalhar ne roça né. Aí, botava os cavalo dele dentro das roça dos índio né, era alí da véa Josefa, aqui ne Mané Santana, tinha uma roça alí na donde Advardo morava. Aí cortava a cerca de Mané Santana, botava os cavalo dele tudo dentro né. Assim que ele fazia com ele. Aí [...]o finado Alfredo fez uma manga, Caciano fez outra alí dôoutro lado da lagoa. Mandou Caciano rancar tudo a cerca dele. Caciano rancou. Aí quando o finada Alfredo foi chegando da roça o finado Alfredo disse assim: eu tenho uma alí, uma cerca alí, uma manga, alí ó. Manda eu ir rancar! Vocês quisere rancar, vão rancar alí pra mim vê, se vocês são homem!Ranca minha cerca! Aí nós juntemos um bando de homem era o finado Tiotonhi, era Antônhi grosso, era eu, era Paulo. Aí botemo eis no caminho, com eis de costa com arco pra furar eis. Caíram

> dentro dôágua (tiboum) molharam tudo a roupa deles. Atravesaram pro outro lado. (KarÌxo Pataxó, 2015).

Nesta pequena história podemos ver o que os guardas florestais fizeram com nosso povo como cortarem as cercas das roças e colocar animais para destruir as plantações. Além dessas ações, se os guardas vissem alguém tirando piaçava eles atiravam nos índios.

Isto tudo nosso povo sofreu por motivo dos interesses governamentais. Mas, hoje sabemos que mesmo a terra sendo da união, o nosso direito sobre elas são direitos inalienáveis, indispensáveis, imprescritíveis. Além disso, são terras tradicionalmente ocupadas desde antes da chegada dos invasores.

Não é porque não tínhamos escrita que não tínhamos nossas leis. Temos a lei de que a terra pertence a todos, o direito de viver, cultivar nossos próprios alimentos, o direito de não ter divisas e o dever de todos cuidarmos do que os nossos seres antepassados e espirituais deixaram para nós. Estas terras sempre foram nossas e não serão vocês que vão tirar elas de nós.

Na época da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, segundo a anciã Murioba Pataxó, em conversa informal, o próprio órgão indígena ï a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), juntamente com o estado da Bahia tentou várias vezes retirar o povo Pataxó desta área para a criação/implantação total do Parque. A anciã conta que uma liderança guerreira chamada dona Josefa certo dia respondeu ao chefe da FUNAI quando ele dizia sobre doar outra terra para a família e para o povo dela. Ela respondeu assim: ñolha chefe, você está vendo aquele monte lá?ò. O chefe falou que sim. Ela completou: ñestá mais fácil aquele monte mudar de lugar do que nós sairmos desta terraò e se nós formos para esta outra terra vocês vão levar aquele monte pra lá também? Nesta conversa podemos perceber a relação do povo com a terra. Para qualquer povo indígena, a terra não é apenas algo concreto e material. A terra tem vida e tudo que existe nela está em constante relação da vida dos seres ancestrais/espirituais com a vida do povo aqui deste mundo.

Em outra situação, segundo o *Uma História de Resistência* (2007), o então chefe da FUNAI chamado Rogério Dias, em uma reunião propõe aos Pataxó a transferência deles de suas terras para o outro lado do rio Caraíva. Então dona Josefa rebate a FUNAI novamente dizendo: ñ...Bem doutor, eu também sou índia. Sou a mais velha e filha do antigo cacique. Estou escutando que os homens estão concordando em sair daqui. Só se eles quiserem sair, mais eu não saio!ò (PROFESSORES PATAXÓ DO EXTREMO SUL DA BAHIA, 2007, p. 21).

Então foram muitos anos de luta e a luta ainda continua, sempre continuará. A luta é infinita para nós. A luta pela terra ainda é a principal demanda de nós povos indígenas, apesar de termos uma legislação garantindo na Constituição Federal nos artigos 231 e 232 os nossos direitos de viver sobre o que é nosso desde milhares de anos. Além de outras leis e acordos internacionais que o Brasil não cumpre como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), onde se deveria ser consultado de boa fé, as comunidades indígenas antes de qualquer tipo de implantação/construção de obras em territórios indígenas, mas não é bem assim que funciona. Temos exemplos atualmente, como o da usina de Belo Monte, que vai tirar à força todas as populações indígenas e ribeirinhas de suas terras, de suas casas, do seu modo de vida com o rio, para fazer esta monstruosa e inaceitável construção.

Como sempre, o qdxihi quer fazer o tal do progresso como se já não tivéssemos uma boa vida. Por isso fico me perguntando: o que será realmente o progresso? Será que é a destruição do que os NiamisÌ deixaram para nós? Será que é a construção de mais usinas que destroem o modo de vida de vários povos? Será o genocídio de muitos povos tradicionais para dar terras para os fazendeiros queimar tudo, plantar soja ou fazer pastos para gados?

Se entendermos bem o progresso para os qdxihi é isto. Só destruição. Seria então realmente o progresso ou o retrocesso? Será que realmente precisamos deste progresso? Se sim, então daqui a mais alguns anos não veremos mais povos nativos da terra de palmeiras. Só veremos os gados no pasto, muita soja, muitas usinas, muito vento bravo, muito trovão, raios e uma imensa nuvem poluente cobrindo todo o céu. E só então o qdxihi vai pensar o que fizeram com o que os NiamisÌ deixaram para que cuidássemos. E então só haverá progresso no mundo. Só haverá destruição!

Assim que os qdxihi chegaram, eles pensaram que não éramos gente nem donos de nada. E então foram tomando nossas terras à força de guerra. A partir daí começaram a roubar nossa terra para doar a qualquer um colono, ancestral dos fazendeiros. Para isto os qdxihi dizimaram nações inteiras em um verdadeiro processo de genocídio nacional. Segundo eles era para demarcar o novo território ñdescobertoò. Como uma pessoa pode achar que descobre algo se sabe que ali já tem dono? É como se alguém chegasse e entrasse em sua casa, encontrasse você lá dentro e falasse: eu descobri uma nova casa. É esta aqui que você está dentro. Agora que achei esta casa sou dono dela e vou doar para quem eu quiser. Vou doar o quarto, a cozinha e a sala para uns amigos baderneiros que conheço, porque eu descobri esta casa. E você ali na frente desta pessoa ouvindo aquilo e vendo os estranhos entrarem em sua

casa e você não pode fazer nada, pois o invasor está fortemente armado com muitos homens lhe apoiando. E aí você deixaria essa pessoa invadir a sua casa?

Então é mais ou menos isto que os nossos povos indígenas viveram e vivem nesta luta infinita por esta casa que há muito tempo está em nossa proteção. Casa esta, motivo de muitas vidas assassinadas, muito sangue derramado. Ainda hoje, muitas vidas e muito sangue continuam a derramar nesta casa sagrada para nós povos nativos.

Atualmente com relação à nossa casa sagrada, que é o nosso território Indígena Pataxó Barra Velha, ainda estamos em processo de luta pelo retorno total das nossas terras, que antigamente foram roubadas pelo Estado e pelos fazendeiros, ou seja, hoje, estamos no processo de ampliação de terras. Por isso, fazemos as retomadas na tentativa de pressionar o Estado para que ele resolva essas questões, e que se acabe com os conflitos com os fazendeiros. Desta forma, estamos lutando desde 2008, para o governo assinar o documento de homologação para que a devolução de nossas terras realmente aconteça.

Nosso povo estava estimado, em 2010, em 13.588 (treze mil e quinhentos e oitenta e oito) indígenas, e só no nosso território a estimativa é que éramos 3064 (três mil e sessenta e quatro) Pataxó (dados coletados a partir do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas ï IBGE, de 2010). E até o momento o que temos garantidos no território Indígena Pataxó Barra Velha, são apenas os 8.627 hectares para nossa população. Em nossa aldeia as lideranças estimam que haja de 300 a 400 famílias aproximadamente. Em um território, atualmente distribuídos em 35 aldeias, os 8.627 hectares ficam muito pequeno se percebermos a quantidade de pessoas, além do mais a luta para a ampliação para os 52.748 hectares, já é visando a reprodução do bem viver das próximas gerações.

A população vive basicamente da agricultura (cultivando a mandioca, aipim, cana, abóbora, melancia, milho e feijão), da pesca, agropecuária, da coleta de mariscos no mangue e na praia, de passeios de buggy, da prestação de serviços para a comunidade através da prefeitura, da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena), da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), do ICMbio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) (por temporada), e a maioria vive principalmente da venda do artesanato.

1.3 Nioniêmã guakxó upâ awakã ãkgaré iƐ atxôhã Pataxó ï Um pouco do contexto linguístico Pataxó

Com este processo de contato forçado com a sociedade não indígena, nosso povo sofreu bastante influência em seu modo de viver. Após o massacre de 51, ficamos isolados

para o governo, mas continuávamos nossas vidas refugiados nas matas caçando, pescando e plantando roças, muitos saiam para trabalhar nas fazendas, onde passavam meses sem ver suas famílias, isso para ganhar dinheiro para conseguir mantimentos como retalhos de panos para fazer roupas e alguns alimentos. Muitas vezes, eram obrigados a negarem sua própria identidade para poder trabalhar, cansar de ouvir os não indígenas dizerem: ñfala direito caboco!ò, e o índio não saber falar a língua portuguesa ñdireitoò. E além do refúgio nas matas, com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal com seus guardas florestais, nosso povo sofreu ainda mais.

Tudo isto fez com que o nosso povo silenciasse seus conhecimentos de rituais e principalmente a língua falada antigamente, pois, a vida era de intenso contato com outros povos de costumes e falantes de uma língua muito diferente da nossa. E a consequência disto tudo foi as grandes transformações na realidade tanto cultural quanto linguística de nosso povo.

Atualmente estamos num processo chamado por Bomfim (2012) de retomada da língua Pataxó, ou de revitalização por muitos linguistas, numa fase de revivenciamento de nossa língua, a qual foi denominada de Patxôhã, que vem sendo ensinada nas escolas Pataxó através da disciplina História e Cultura Pataxó, assunto este que será abordado no decorrer desta pesquisa. Apesar do ensino nas escolas, as comunidades continuam usando a variação portuguesa na comunicação cotidiana e muitos anciãos e pessoas da aldeia usam em seu dia a dia muitas palavras soltas do Patxôhã. Uma forma que muitas famílias encontraram para fortalecer a língua foi registrar os nomes de seus filhos e filhas em Patxôhã. Assim a língua Patxôhã vem ganhando espaços na comunicação cotidiana das famílias Pataxó, não apenas da aldeia Barra Velha, mas em todas as aldeias de modo geral. Esse tema será aprofundado ao longo deste percurso acadêmico.

2. IÕP PIÁTÁ UPÂP KIJъTXAWÊ

2. OS TEMPOS DAS ESCOLAS

2. IÕP PIÁTÁ UPÂP KIJъTXAWÊ ï Os tempos das escolas

2.1 IƐ kijƐtxawê pâx homãk: IƐ kijƐtxawê ãgwá Ì pú hemÌ gãy ï A escola antigamente: A escola ãgwá Ì pú hemÌ gãy

Depois de 477 anos de invasão das terras de palmeiras ï Brasil, foi construída, pelo desejo e luta das lideranças, a primeira escola na aldeia Barra Velha através da FUNAI. Porém uma instituição com modelos de escolarização, e de visão de mundo muito diferente do nosso, como se fosse um ãgwá hemugãy, uma instituição escolar com um olhar muito distante de nós, querendo nos puxar para dentro de si. É neste modelo de escola integracionista que fomos puxados para dentro, para ficarmos imersos, aprisionados invisíveis e desvalorizados do mundo de fora.

Embora a escola tenha sido uma construção a partir da FUNAI, e através do anseio e luta por esta instituição por parte das lideranças, no Brasil, ela surge a partir do início da colonização brasileira, em 1549 com a chegada dos missionários, onde esses criam vários colégios missionários por todo o litoral. Assim a igreja era responsável pelo sistema educacional na colônia, desta forma através dela que se escolarizava todo o povo, inclusive os povos indígenas. Estando no poder, juntamente com a coroa, a igreja tinha como missão amansar e converter os ñíndios selvagens e sem almasò a qualquer custo. E como eram duas forças unidas contra os fracos, a coroa dominava a terra e tinha os privilégios, enquanto a igreja impunha seus dogmas religiosos e ampliava os números de seguidores.

Assim, o ensino era dividido basicamente em três níveis: o Primário, o Médio e o Superior. No primário eram ensinadas apenas as letras do alfabeto e os dogmas da igreja, este nível era aplicado aos mamelucos e aos povos originários. No Ensino Médio o ensino era o da instrução, onde estudavam apenas as crianças brancas, ou seja, não era apenas aprender orar ou fazer o nome, era o ensino que permitiria essas crianças ter noção das artes, das ciências, da matemática, etc. Assim, este era o ensino que permitiria essas pessoas serem a classe dominante mais tarde. E no ensino Superior, que também era através da instrução, era aplicado aos clérigos e alguns outros privilegiados da colônia. Desta forma, a política da igreja e dos colonizadores era a de ñamansarò e dar ñalmasò aos ñpovos selvagensò, ou seja, a convertê-los ao catolicismo, ter uma população que trabalhasse para dar lucro à colônia, e por fim formar a elite dominante da colônia e do país atualmente.

Com relação às metodologias, os missionários aprendiam a língua geral, denominada de Nheengatu, para que depois pudessem ensinar os filhos dos colonos e os indígenas, predominando este modelo de escolarização entre os séculos XVI e XVII. Como no Brasil no

momento falava-se a língua nheengatu e precisava de uma (re)formulação-criação de uma história, uma identidade nacional e, principalmente por questões de delimitação de território contra os espanhóis, é que o ministro Sebastião José Carvalho e Mello resolve impor uma política de homogeneidade colonial. Elisa Frühauf Garcia, ao fazer um estudo sobre a lei de diretório no Brasil, afirma que:

> Em meados do século XVIII, em 1757, o ministro Sebastião José Carvalho e Melo, que depois ficou conhecido como Marquês de Pombal, resolve elaborar várias medidas para a integração das populações indígenas da América à sociedade colonial. Estas medidas foram organizadas através do *Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e do Maranhão enquanto sua majestade não dizer o contrário* publicado em 03 de Maio de 1757, e transformado em lei por meio do decreto por meio do alvará de 17 de Agosto em 1758. (GARCIA, 2007, p.28, itálico da autora).

Além de uma política de miscigenação entre indígenas e negros, proposta pelo Marquês de Pombal, ocorreu também uma brusca mudança no cotidiano da grande maioria da sociedade colonial, pois a partir desta lei é que houve a imposição da língua portuguesa e consequentemente a exclusão e o extermínio de várias línguas indígenas. Com esta nova lei os missionários foram expulsos da colônia dando espaço às missões salesianas que, a partir de então, assumiram a responsabilidade pela educação, pela catequização e aldeamento dos povos indígenas. Neste contexto foram criados vários colégios missionários, importantes para a implantação e execução da política pombalina.

Este modelo de escola colonizadora, integracionista, preconceituosa e exterminadora de línguas indígenas prevaleceu até o surgimento do Serviço de Proteção ao Índio ï SPI em 1910. A partir deste ano a educação escolar indígena passou a ser responsabilidade deste órgão que através do movimento sangrento de extermínio de etnias indígenas neste período, foi obrigado junto com o Estado, a reformular seus mecanismos de escolarização. Para isto, baseou-se em ideias positivistas considerando assim a diversidade linguística e cultural das populações indígenas.

Segundo Gorete Neto (2009), se de início a escola tinha a visão da catequização, neste momento, o principal motivo seria o trabalho agrícola e doméstico. Porém, as populações nativas demonstravam pouco interesse com a escolarização. Em 1967, o SPI dá lugar à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que vem com o discurso de que se deve garantir a escolarização dos nativos em duas línguas. Porém isto ficou só no papel, pois a FUNAI pouco investiu na educação escolar indígena.

Mas, é neste cenário que, em meados da década de 70, chega à aldeia Barra Velha, esta instituição agwá Ì pú hemÌ gãy, ou seja, a escola, que para nosso povo teria como principal finalidade o ensino da leitura e da escrita aos parentes para que eles pudessem tomar conta do que era deles e lutar pelos direitos de seu povo.

Aurenilson da Conceição Braz, um pesquisador Pataxó, que atualmente é professor na Escola Indígena Pataxó Barra Velha ao fazer uma pesquisa referente ao processo histórico da escola em Barra Velha afirma o seguinte:

> Até os anos 1970 não tinha uma escola para que os parentes pudessem estudar. Porém, alguns indígenas de nossa aldeia aprendiam a ler e escrever o básico ñcom não índios viajantes que por aqui passavam e permaneciam por alguns dias na comunidade até surgir outros como o Zé Correia (José Correia Filho), um auxiliar de enfermagem que também ensinou alguns alunos e a Zezé de Piegas (Maria José Braz dos Santos), que deu aulas por alguns dias como voluntária. (BRAZ,. 2013, p.10).

Segundo o autor Pataxó, ao entrevistar um ancião da aldeia chamado Luiz Capitão, esta era a forma que alguns parentes aprendiam as letras, e isto ñcontinuou por um longo tempo. Somente a partir de 1977/1978, depois de muitas cobranças das lideranças, foi construída a primeira escola na aldeia, numa perspectiva de aprender a ler e a escrever para saber conduzir os trabalhos na comunidade futuramenteò (BRAZ, 2013, p. 10).

Ao escrever um pouco da história da escola e escolarização dos Pataxó na aldeia Barra Velha, BRAZ (2013) relata muitos acontecimentos através da voz de pessoas que fizeram parte desta época como a professora Deusuleide, Mara e estudantes como Adalton, Arnaldo, Genival e o próprio Aurenilson. (BRAZ, 2013, p.10)

A escola funcionava apenas com o fundamental I, em que as crianças e adolescentes estudavam apenas da 1º à 4º série. Após concluírem esta etapa eles não estudavam mais, pois, se quisessem prosseguir seus estudos teriam que se deslocar da aldeia para alguma cidade vizinha, o que não era algo fácil.

Segundo o autor Pataxó, ao entrevistar duas professoras da época, a FUNAI, que era responsável pela escolarização, não dava o mínimo suporte na educação.

> Praticamente, neste período, não havia acompanhamento pedagógico na escola. Havia uma pessoa encarregada, na FUNAI de Valadares, mas com a qual nunca me comuniquei, ou que nunca se comunicou comigo. Minha sensação foi de profundo isolamento[...]. Esse isolamento era uma das minhas principais dificuldades[...]. Não ter materiais, nem reflexão, nem comunicação isso era difícil (Mara Fonseca Dutra citada por BRAZ, 2013, p. 27-28).

> [...] tive certas dificuldades, porque até 1990 era a FUNAI, né, que apoiava a gente com relação a materiais didáticos, as próprias orientações pedagógicas, aqui não tinha coordenador pedagógico e tudo era complicado porque na realidade naquela época a gente não tinha comunicação. A comunicação era péssima, então tudo que precisávamos de orientação tinha que aguardar ou ir à cidade, né, porque na realidade eles quase não vinham aqui, né, era a gente que terminava indo lá na cidade buscar algumas informações ou alguns materiaisò. (Deusuleide de Sá Câmara citada por BRAZ, 2013, p. 24).

Com essas dificuldades pedagógicas citadas, como a falta de materiais, de um coordenador pedagógico e principalmente pela falta de informações, as professoras tinham que se deslocar para as cidades. Por serem pessoas de fora da aldeia, o sentimento de isolamento fazia com que a solidão dos familiares ganhasse força e fazia com que os professores(as) partissem da aldeia. Segundo o estudante da época Genival Conceição dos Santos, que atualmente é professor, tinha época que os estudantes ficavam sem aulas devido a não adaptação dos professores na aldeia:

> só tinha professores que vinha de fora e eles não se adaptavam muito a aldeia, por serem de longe, só ficavam um período e logo em seguida tinham que voltar e acabava, às vezes até...eu não me recordo bem, mas se não me engano houve uma vez que nesse período que eu estudava, ficou um período sem aulas por não ter professor atuando ali naquele momento.ò(relato do estudante da época. (Genival Conceição dos Santos citado por BRAZ, 2013, p. 36).

Além das dificuldades pedagógicas, uma professora sofreu também com a perseguição do próprio chefe de posto da FUNAI. Como nesta época era no período da ditadura militar, a professora Mara Vanessa relata a grande influência do chefe de posto da FUNAI com relação à educação e às questões territoriais. Segundo o relato dela, ela teve que sair da escola e da aldeia devido ao chefe de posto ter uma postura ditatorial, e principalmente pelo medo dela informar os indígenas sobre as fraudes da FUNAI com relação à questão da demarcação do território Barra Velha.

Como a escola só tinha até a quarta série, em 1996, um grupo de guerreiros (as) Pataxó resolvem enfrentar o preconceito e demais dificuldades de estudar fora da aldeia e começam a dar continuidade nos estudos em um povoado a 73 km, denominado de Monte Pascoal.

Ainda neste ano, segundo BRAZ Aurenilson (2013), ele é convidado para participar de uma reunião na cidade de Salvador onde a pauta principal é a discussão, junto ao estado, da criação de um curso específico para os professores da Bahia. Juntamente com vários

representantes de instituições ligados às questões dos povos indígenas e as lideranças de 12 povos indígenas é que eles conseguem a aprovação da proposta do curso.

No ano seguinte, em dezembro, se inicia na aldeia Barra Velha o curso de magistério indígena com a presença de 90 professores/estudantes indígenas de diferentes povos da Bahia. É neste contexto que os professores Pataxó veem a necessidade de se buscar a força do ritual e consequentemente da língua Pataxó.

Neste sentido, a língua Pataxó ganha espaço mais uma vez nas pesquisas, pesquisa essa protagonizada pelos estudantes indígenas que mais tarde seriam os professores em suas escolas. Após o curso de magistério indígena os já formados professores foram desempenhar os seus trabalhos nas aldeias. Enquanto isso, em 2004, formaram com muito esforço, mais outros 08 estudantes no outro curso de magistério na cidade de Itabela. A comunidade foi crescendo, foram nascendo mais crianças e para isso houve a necessidade da construção de mais uma escola, como se verá a seguir.

2.2 IƐ kijƐtxawê tuhutari uǫkanã pataxí ï A escola atualmente na minha aldeia

> A escola é um espaço importante na vida do meu povo, pois a partir da entrada da escola na aldeia, houve uma esperança muito grande dos pais e lideranças, em melhoria e autonomia da comunidade, pois já existia uma perspectiva que os alunos tinham que estudar para assumir as oportunidades que estavam aparecendo, como auxiliar de enfermagem, ou mesmo enfermeiro, professor, chefe de posto, enfim, qualquer demanda da aldeiaò. (BRAZ, 2013, p.10).

A Escola Indígena Pataxó Barra Velha foi construída em 2002, através do governo do estado da Bahia e das lutas e reivindicações das lideranças. É um prédio de uma arquitetura muito bonita e a comunidade, principalmente as lideranças e os anciãos, tem muito orgulho de hoje termos uma escola dentro do local onde vivemos.

Hoje a escola de Barra Velha é composta por uma sede, que fica dentro da comunidade, e duas extensões: nas aldeias Xandó (próximo a Caraíva) e Bugigão (próximo ao Corumbau). Em Barra Velha, há dois prédios escolares: o maior fica localizado na rua de cima e o menor na sede. O maior dispõe de 11 salas de aula, onde uma é o laboratório de informática e há uma biblioteca, sala da direção, secretaria, sala de professores, sala do coordenador, dois depósitos (um só de livros e o segundo de outros materiais pedagógicos), seis banheiros (dois de uso dos estudantes, dois de uso dos professores, um na cozinha e outro próximo da sala do coordenador). O segundo prédio é composto de 04 salas de aula, uma mini secretaria, quatro banheiros (de uso dos estudantes) e uma cozinha pequena. Estas quatro salas são divididas em dois prédios sendo que um, o mais antigo, foi construído pela FUNAI e o outro pela prefeitura. Os níveis, cursos e modalidades de ensino são: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio por alternância e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atualmente a instituição tem 682 estudantes matriculados, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola em 2010. Para eles são ministradas aulas das disciplinas listadas a seguir.

No Ensino Fundamental Indígena (regular) de 1º ao 5º ano: Prática de Leitura e Expressão, Conceitos Matemáticos, Conhecimentos de Mundo (Sociedade e Natureza), Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Física e Educação Artística/ Cultura Pataxó.

No Ensino Fundamental Indígena do 6º ao 9º ano: Língua Portuguesa/ Literatura, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, História, Geografia, Língua Estrangeira (Inglês), Educação Física, História de Porto Seguro, Turismo, Diversidade Afro-Descendente, Cultura Pataxó e Educação Artística.

No Ensino Fundamental Indígena EJA da 1º ao 4º ano: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, História e Geografia.

No Ensino Fundamental Indígena EJA da 5ª à 8ª ano: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, História, Geografia e Inglês.

No Ensino Médio: a) Base Nacional Comum: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias- Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Artes Indígenas, Educação Física e Língua Pataxó e Estudos Indígenas; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias: Matemática, Química, Física e Biologia; Ciências Humanas e suas Tecnologias: História, Geografia, Filosofia e Sociologia. b) Parte Diversificada: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias: Língua Estrangeira Moderna (Inglês/Espanhol), Antropologia, Legislação Indígena, Gestão Ambiental e Informática.

Para atender os estudantes, a escola dispõe de 85 funcionários entre eles: 01 diretor e 01 vice diretora, 48 professores, 03 coordenadores, 01 inspetor, 05 na área administrativa e 10 na área de apoio.

Analisando a tabela de carga horária da proposta curricular abaixo, pode ser observado que há uma imensa vantagem da língua Portuguesa com relação à língua ancestral/materna o Patxôhã, sem contar que todas as outras disciplinas são ministradas na língua ocidental.

Nível de Ensino		**Carga horária do ensino de Língua Portuguesa**		**Carga horária do ensino de Cultural Pataxó**		**TOTAL de horas com todas as disciplinas**	
	Ano/série	Semanal	Anual	Semanal	Anual	Semanal	Anual
Ensino Fundamental Indígena (regular) 1º ao 5º ano	1ºANO	10	400			20	800
	2º ANO	08	320	01	40	20	800
	3º ANO	08	320	01	40	20	800
	4º ANO	07	280	01	40	21	840
	5º ANO	07	280	01	40	21	840
Ensino Fundamental Indígena (regular) 6º ao 9º ano	6ºANO	05	200	01	40	23	920
	7ºANO	05	200	01	40	23	920
	8ºANO	05	200	02	80	24	960
	9ºANO	05	200	02	80	24	960
Ensino Fundamental Indígena EJA 1ª à 4ª série	1ª SÉRIE	07	280	Inexistente		20	800
	2ª SÉRIE	07	280	Inexistente		20	800
	3ª SÉRIE	07	280	Inexistente		20	800
	4ª SÉRIE	07	280	Inexistente		20	800
Ensino Fundamental Indígena EJA	5ª SÉRIE	05	200	Inexistente		20	800
	6ª SÉRIE	05	200	Inexistente		20	800
	7ª SÉRIE	05	200	Inexistente		20	800

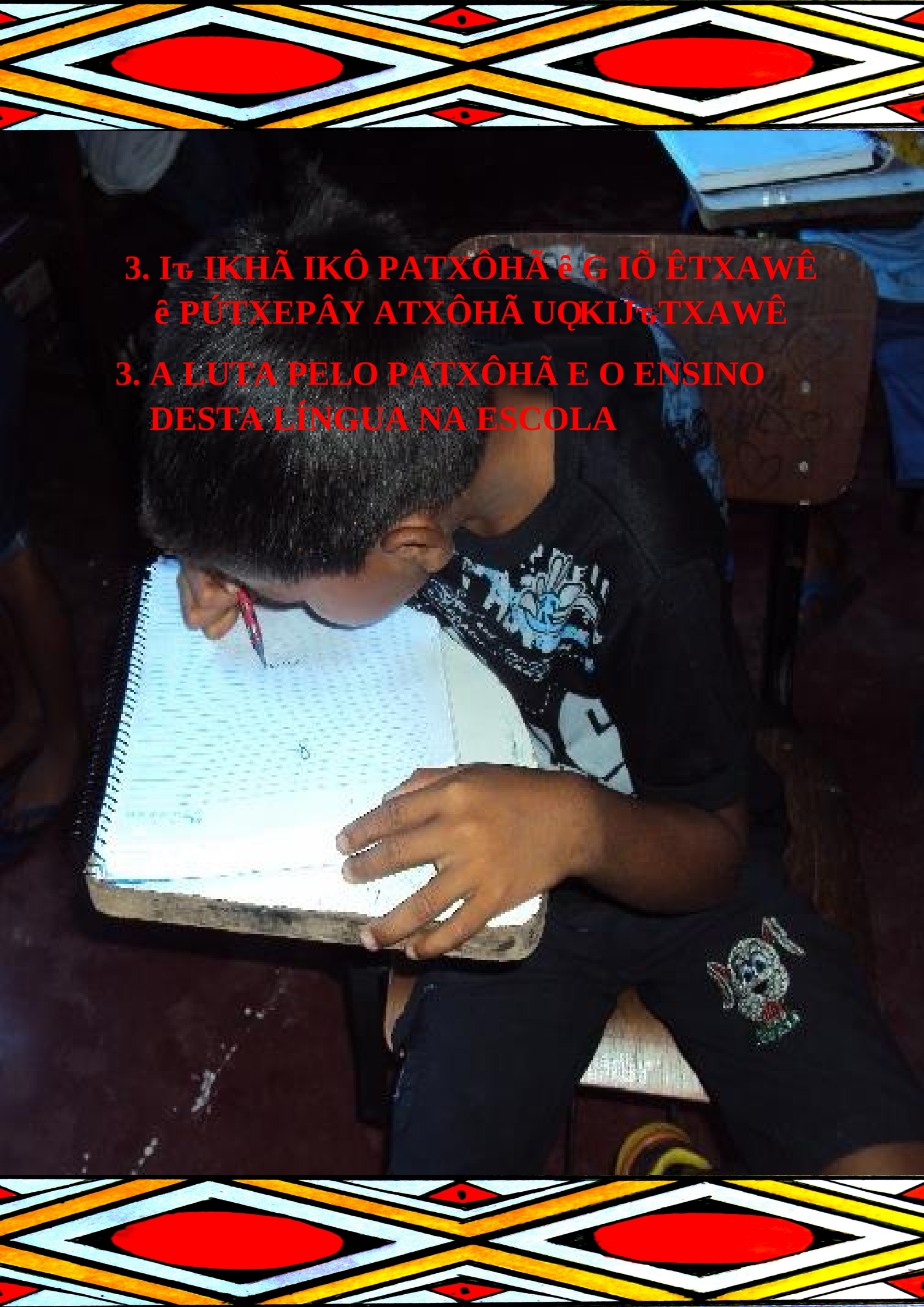
5ª à 8ª série	8ª SÉRIE	05	200	Inexistente		20	800
Ensino Médio	1ª ANO	04		01			1000
	2ºANO	04		01			1000
	3ºANO	04		01			1000

Estes dados nos fazem refletir o quanto a língua do colonizador ainda impera sobre a língua indígena. Neste caso é ainda mais complicado, pois nem ao menos temos uma disciplina que trate apenas da questão linguística especificamente, sem contar que a disciplina de cultura indígena abrange temas muito complexos e perpassa por todas as outras áreas de ensino como na ciência ou biologia, na história, geografia, matemática etc. (Ver mais detalhes na seção minhas experiências na p. 54).

Por um lado, isso é muito bom, pois, mostra o quanto o povo Pataxó tem conhecimento científico tradicional. Porém, o que deve ser pensado e praticado é a igualdade de cargas horárias, se é que podemos dizer isso, pois, além da disciplina de língua portuguesa, todas as outras disciplinas são ministradas em português, e/ou a criação de uma disciplina específica que trate especificamente da língua, uma disciplina que tenha a mesma ou maior carga horária do que a língua portuguesa. Afinal a escola não é uma escola indígena diferenciada, específica, intercultural e **bilíngue/multilíngue**?

A nossa instituição escolar desempenha um papel importante no processo de introdução e de prática de nossa língua e, por isso, é relevante ter uma disciplina que focalize somente a língua Patxôhã. Além do mais, formalizando um nome próprio da disciplina para tratar apenas da língua, tendo uma carga horária paritária com a língua do colonizador estaremos contribuindo ainda mais para o fortalecimento cultural e linguístico de nosso povo. Afinal este também não era e é um dos principais objetivos dos nossos guerreiros velhos que se preocuparam em lutar por este território, para que tivéssemos boa saúde e estudo para que pudéssemos tomar conta do que é nosso?

Acredito que este também é um dos sonhos de todos nós que nos preocupamos com a cultura, com a luta pelo território, com a luta pela autonomia de nossos povos indígenas. Neste sentido a língua é um dos pontos principais para que possamos estar mudando e fortalecendo a cada dia nosso jeito de ser, de viver e de falar neste e com este mundo. Pois, para se conseguir conquistar o que temos hoje, como o ensino do Patxôhã nas escolas não foi fácil. Isso foi uma conquista que veio através das lutas de muitas lideranças e de intensas pesquisas por nossos parentes. É o que veremos a seguir, como se deu esse processo, os primeiros professores, os atuais e suas demandas.



3. Iъ IKHÃ IKÔ PATXÔHÃ ê G IÕ ÊTXAWÊ ê PÚTXEPÂY ATXÔHÃ UQKIJъTXAWÊ

3. A LUTA PELO PATXÔHÃ E O ENSINO DESTA LÍNGUA NA ESCOLA

3. Iъ IKHÃ IKÔ PATXÔHÃ ê G IÕ ÊTXAWÊ ê PÚTXEPÂY ATXÔHÃ UQKIJъTXAWÊ ï A luta pelo Patxôhã e o ensino desta língua na escola

Atualmente o povo Pataxó, assim como a maioria dos povos nordestinos, são considerados por muitos linguistas e antropólogos, em seus estudos, como não mais falantes de suas línguas originárias/ancestrais (César e Cavalcanti, 2007). Estes linguistas, de visão estruturalista, consideram a língua como elemento imutável pelos processos sócio- históricos. Ao não considerar que a língua possa sofrer mudanças, eles ignoram totalmente os povos que hoje falam uma variação da língua Portuguesa, dizendo que estes não têm mais uma língua. Além disso, ignoram o trabalho de revitalização linguística quem vem sendo implementado por muitos desses povos. Isso indica a necessidade de se debater o conceito de língua no contexto da diversidade cultural e social brasileira, considerando o processo de ensino-aprendizagem bilíngue. Percebe-se a urgência desta reflexão uma vez que isso significa muito para estes povos no processo de afirmação identitária e autonomia política.

Apesar de ser alvo de muitas críticas o conceito de língua proposto pela Linguística estruturalista não sofreu mudanças práticas continuando assim em busca da homogeneidade para os dominantes e exclusão para os dominados. Em razão de uma política colonizadora que busca uma única história, a hegemonia se sustenta num discurso de monolinguismo apagando todas e elevando apenas uma variação da língua portuguesa. Neste sentido Muñoz e Lewin afirmam que: ñnão existem, até o presente, soluções harmônicas para o reconhecimento e a reconciliação dos particularismos culturais e linguísticos dentro das novas estruturas nacionaisò (MUÑOZ; LEWIN citado por CESAR; CAVALCANTI, 2007, p. 49).

E o povo Pataxó, por ser um dos primeiros povos do litoral brasileiro a ter o contato forçado com os invasores europeus, sofreu muitas mudanças em sua maneira de viver como reflexo deste contato forçado, conflituoso, etnocida e genocidico. Apesar disso, atualmente um dos dilemas enfrentados por nosso povo Pataxó, com relação à língua indígena é a contínua luta pela afirmação cultural e linguística para os pesquisadores não indígenas e até mesmo para os próprios parentes que, segundo os linguistas, dispõem de uma ñverdadeiraò língua indígena materna.

Assim o significado da língua é exposto num sentido político em busca da diferença com o outro. Neste sentido os povos indígenas nordestinos vêm desenvolvendo projetos de pesquisas muitas vezes autonomamente, a exemplo dos Pataxós, no sentido de documentação da cultura e língua a fim da valorização e afirmação cultural.

Sendo utilizada como objeto de estudos, a língua vem sendo também objeto de anseio para os pesquisadores Pataxó. Então ao perceber a organização da língua Pataxó, as autoras apontam que na visão de muitos linguistas a língua Pataxó não seria considerada como língua Pataxó uma vez que usa elementos morfossintáticos da língua portuguesa. Felizmente, nós, apesar de sermos alvos de críticas e de contradições por muitos dos/das linguistas, insistimos em querer algo nosso não apenas por causa do outro como dizem, mas por motivo de termos o compromisso e respeito com nós mesmos, com nossos ancestrais, anciãos e com nosso povo, não é o caso de pensar em uma língua ñpuraò visto que a língua está em constante relação com outras ocorrendo assim o empréstimo linguístico e com relação à língua Pataxó o empréstimo é valorizado:

> [...] embora algumas palavras faladas pelos Pataxó sejam empréstimos linguísticos de origem em outros povos com os quais mantiveram contato há muito tempo, essas palavras hoje continuaram compondo o léxico da língua Pataxó, sendo estas conhecidas e faladas pela maioria do Povo Pataxó, sendo parte também da língua Pataxó e valorizada pelo Povo (BOMFIM, 2010, p.77)

Sabemos a importância do olhar do outro sobre nós, pois afinal não vivemos em um mundo isolados, mas porque mudarmos o nosso jeito de pensar? Só porque os linguistas acham que podem definir isso é e isso não é língua? Por que não pensarmos em melhorarmos/lapidarmos este conceito de língua de antigamente que ainda hoje permanece nas instituições de ensino e é tido como verdade absoluta uma vez que é objeto de contradições até mesmo entre os linguistas?

Depois de mais de meio milênio de pressão por parte dos invasores de quererem ñcivilizarò, assimilar os povos originários à sua cultura, os Pataxós passaram por um processo muito forte de repressão, massacres, ou seja, de luta pela sobrevivência em frente à uma ideologia assimilacionista exterminadora onde se usava ou usa-se a força política e até mesmo as forças armadas para a execução de certas missões. Mas isso não fez com que perdêssemos nossa cultura; ela apenas se transformou pelo processo sofrido.

E uma dessas transformações foi o processo de mudança na língua que nossos velhos foram obrigados a não praticarem, a não viver sua língua de origem. Através deste processo sócio histórico, hoje nosso povo fala uma variação da língua portuguesa, uma maneira específica de cada aldeia de se comunicar principalmente entre os mais velhos, variação esta considerada como português indígena (Maher, 1998). Além deste português indígena, nosso povo está na constante luta pela prática de nossa língua materna no cotidiano de todas as comunidades, pois nas escolas isto já é de certa forma uma realidade.

3.1 Suyhêãrá Ìg kõpokixayãrá ãkgaré i£(p) atxôhã pâxp hiáb ï Refletindo sobre um novo conceito de língua

No referido artigo de César e Cavalcanti é refletido como o conceito da língua estruturalista é algo rígido, fechado, orgânico e hierarquicamente estruturado. No sentido de buscar mudanças para redimensionar este conceito rígido é sugerida a ideia do caleidoscópio. Por nunca ter contato com um, preferimos ver a língua como materna e dinâmica ao considerarmos todo o seu processo sócio histórico. Para nós a língua nunca deixou de ser materna, ou ancestral-materna como tenho usado, pois, ela é como uma semente germinada, uma árvore nova que nasceu de um tronco velho cortado pelos seres humanos. Ela é uma árvore que foi cortada, onde os seres que a cortaram deixaram apenas um toco velho, esse toco velho resistiu por muito tempo, e depois começa a sair de baixo da terra pequenas folhinhas verdes, vai ganhando vida e cresce. Hoje essa árvore já estar grande, dando frutos, está forte. Para a árvore pouco importa se os seres que a cortaram dizem se ela é árvore ou não, mas se essa árvore nova tem raízes, tem uma base do tronco velho, dá frutos, tem as mesmas folhas, como essa árvore não poderia ser uma árvore mãe de mesma espécie que aquela que um dia foi cortada pelo ser humano? Além do mais essa seria uma árvore mais forte pois, o seu tronco pode até está fino, mas suas raízes, a sua base está bem enraizada e ligada na sabedoria e experiência da árvore velha. Esta árvore nova seria como nossos avós. Em muitas de nossas aldeias eles são considerados nossos pais, sendo assim pais e mães duas vezes. Desta forma, assim como nossos avós têm experiência multiplicada, a árvore nova poderia até estar fina, mas ela teria sua base forte, e é dessa forma que imaginamos a nossa língua. Uma língua que não é isolada, uma língua cortada, onde fomos obrigados a não falar e por consequência disso até fomos chamados de povo sem língua. Mas, hoje podemos dizer que nossa língua está emergindo dos nossos anciãos e como a árvore nova não é a mesma árvore velha, a nossa língua também não é e nem seria. Como querer que uma língua fosse a mesma se ela foi impedida, foi cortada? Mesmo sendo uma árvore nova isso não significa que ela é outra espécie. Como seria se ela tem uma base ancestral? É neste sentido que chamamos nossa língua de materna ou ancestral-materna. Se ela tem o dobro de força ou mais experiência isso não revela nada, pois, o mais importante é que a ancestralidade, a cultura, a base das visões de mundo(s) de qualquer povo sejam valorizados e respeitados.

A natureza é cheia de surpresas, e não devemos nunca subestimar e desacreditar nela. A natureza do ser humano é ainda mais surpreendente. Pois, é cheia de criatividade, de vontade de modificar, de ver e chegar ao final do caminho, de fazer coisas novas o que dá ao ser humano a experiência de vida. Desta forma cada povo teve experiências diferentes, cada um tem seus conhecimentos guardados para ser passados.

A língua como caleidoscópio é como uma mãe que ensina seu filho a fazer um masaká Ì kotxê koxuk (colar de desenho novo). Esta é uma experiência de ensino aprendizado onde há a início, o aperfeiçoamento, criatividade e a socialização do aprendizado. Uma criança aqui na minha aldeia é incentivada desde cedo a confeccionar o masaká (colar), em sua primeira fase de aprendizado a mãe lhe orienta como ele deve iniciar o masaká, ela dá os detalhes de como fazer uma pintura (bordado), ela conta quantas sementes deve conter no início de um masaká, para que este não fique errado no final, a mãe Pataxó, ensina diferentes formas de masaká e diferentes pinturas que podem ser desenhadas.

Ao passar do tempo de aprendizagem a criança agora sozinha, estuda qual pintura ela quer fazer em seu masaká, então lembra da lição de sua mãe. Põe uma semente estratégica no início e começa dar corpo e beleza ao seu masaká. Quando ele termina de fazer o masaká, ele percebe que ele é igual ao de sua mãe. Outro dia ela estuda um novo modelo de masaká, estuda muito até chegar a uma conclusão. Ela decide mudar a quantidade e as posições das sementes. Ao fazer isso, quando ela terminar seu artesanato ela terá um resultado. Não importa o que terá de resultado, o que é mais importante é que após o termino do artesanato a criança Pataxó contará sua experiência para os outros parentes socializando e ensinando como ela fez aquele lindo masaká ou como é que ela não fez até chegar àquele novo modelo de masaká. Isso aperfeiçoará não apenas o conhecimento daquela pessoa, mas o seu novo modelo de masaká, contribuindo para o fortalecimento de um povo, conhecimento este que perpassará por gerações, pois cada mãe passará para seus filhos como é que se faz aquele modelo de masaká, ela dirá: é muito simples meu filho é só mudar a quantidade e as posições das sementes e você terá um masaká diferente dos outros.

Embora com o passar do tempo aquele masaká, que um dia foi novidade, já não tenha tanto segredo para ser feito, ele nunca deixará de ser masaká Pataxó, e jamais deixará de ser diferente dos outros.

Como muitos artesãos após a confecção do novo modelo de masaká, muitos linguistas, antropólogos e demais pesquisadores das academias seguem conceitos já criados, conceitos inventados de pessoas que se dizem os donos do saber e da verdade. Mas, temos que ser como

aquela criança Pataxó que embora ouviu algum adulto dizer: Porque você não faz este masaká como sua mãe lhe ensinou? Ou seja, porque devemos acreditar que só algumas pessoas são capazes de ter conhecimento? Afinal temos as mesmas capacidades de fazer o novo, de concretizar nossas ideologias e pensamentos.

Essas ideologias são pensamentos que se concretizarão para nos ajudar a pensarmos melhor sobre aonde queremos nos inserir, em qual sociedade, valorizando uma só ou quais línguas, tirando assim este modelo de escola colonizadora que exclui, afasta, apaga e extermina a(s) diferença(s).

Atualmente temos aulas de língua materna nas escolas Pataxó, mas isto não surgiu por acaso, nem de um dia para o outro. Essa conquista surgiu através de pesquisas. Pesquisas estas protagonizadas por professores e pesquisadores de nosso próprio povo como veremos a seguir.

3.2 Nioniêmã guakxó txó akuêg patxitxáôtxƐ ãkgaré iƐ atxôhã Patxôhã ï Um pouco da pesquisa realizada sobre o Patxôhã

> Nós não estamos fazendo (a pesquisa da língua) pra vocês, nós estamos fazendo pra nós para o nosso povo (Pesquisadores Pataxó em seminário com antropólogos e linguistas em Porto Seguro, segundo o professor Itajá em entrevista em 19 de Outubro de 2015)

Em tempos de constantes lutas pelo uso do seu próprio território, a escola chega à aldeia o que dá aos Pataxó a esperança de dias melhores para as futuras gerações. Com a chegada desta instituição é ensinada às crianças e jovens a alfabetização o que incentiva alguns jovens a escrever seus pensamentos. É assim que se destacam Kanátyo Pataxó e Patxió Pataxó que juntos escreveram algumas letras de músicas relatando o cotidiano da aldeia e fizeram principalmente os primeiros registros escritos por indígenas Pataxó, de palavras na língua falada pelos mais velhos da aldeia.

Nessa época, em meados da década de 70, se inicia de certa forma a pesquisa sobre a língua Pataxó protagonizada pelos próprios Pataxó. Eles começam através da curiosidade de saber mais sobre a sua própria língua. Para isto buscavam informações com os mais velhos da aldeia. Segundo o Pataxó Arawê, ancião da aldeia Barra Velha, o Kanátyo perdia muito tempo conversando e ouvindo os velhos, sempre andava cantando e com um caderninho debaixo do braço. Desta forma nas conversas com os velhos e adultos da aldeia é que Kanátyo e Patxió conseguiram registrar muitas palavras faladas pelos Pataxó velhos naquela época, iniciando assim a pesquisa que, nas décadas seguintes, seria objeto de estudos mais detalhados por outros jovens.

Após alguns anos Kanátyo se mudou para a antiga aldeia Retirinho no município de Carmésia-MG, e atualmente mora na aldeia Muã Mimatxi, no município de Itapecirica ï MG. Ele é escritor, poeta, professor, músico e cacique da aldeia.

E Patxió foi residir na aldeia Boca da Mata, no mesmo território da aldeia Barra Velha, onde convive até hoje com seus familiares, trabalha na escola como professor, tem muita experiência com o ensino de Patxôhã e tem desenvolvido várias metodologias sobre o ensino de língua na escola.

Outra pessoa importante neste processo de fortalecimento das práticas culturais dentro da aldeia é o senhor Antônio Ferreira, conhecido como Arawê Pataxó, ele é um sábio jovem ancião, uma das lideranças fortes na comunidade, que sempre trabalhou junto com os outros mais velhos do que ele, e com isso aprendeu muitas coisas principalmente a língua e vários rituais. Isso fez com que ele sempre organizasse os rituais e eventos na aldeia, hoje é um de nossos grandes mestres referente aos conhecimentos ritualísticos e das práticas culturais da aldeia Barra Velha.

Essas três pessoas são pessoas que sempre estiveram na luta pelo fortalecimento cultural do povo Pataxó na aldeia, sendo desta forma fonte de inspiração e incentivo para muitos jovens. Através deles é que os mais jovens buscaram e buscam inspiração para aprofundar nos estudos sobre a cultura e língua Pataxó.

Após a ida de Kanátyo e Patxió para outras aldeias, Arawê ficou sendo a principal referência da comunidade na organização de alguns eventos culturais como na organização do dia do índio e celebrações de rituais na aldeia. Isto acabou o inserindo na escola, em 1992, como professor de cultura e língua Pataxó, o que se verá mais adiante.

Anos depois a partir da implantação do primeiro curso de magistério indígena na Bahia, em 1996, é que os Pataxó veem um novo horizonte para a educação de seu povo. É no curso também que veem a necessidade de buscar o fortalecimento da cultura e da língua Pataxó. Para isto buscam inspiração na pesquisa já iniciada por Kanátyo e Patxió. Além disso, buscam nas conversas com os anciãos os conhecimentos referentes à língua e histórias do povo Pataxó, o que formaria o grupo de pesquisadores autônomos Pataxó.

O professor José Conceição, conhecido como Itajá Pataxó, é um dos pioneiros da pesquisa referente à história, cultura e língua Pataxó, e atualmente atua como professor na escola de Barra Velha. Ele relembra o início da pesquisa da seguinte forma:

> Todo o início da escrita do Patxôhã nós já viemos já nessa caminhada já, que já tinha um pouco escrito por Kanátyo, e Kanátyo ele foi um dos primeiros a escrever as primeiras palavras que o pessoal usava na

> aldeia né, então ele já tinha, ele mesmo, continuou mesmo né como ele hoje vem já..é um dos líder do Patxôhã para nós. E aí nos juntamos esse grupo isso foi assim: no imediato na época que nós tava fazendo o magistério indígena aqui em Barra Velha, então nos vimos essa necessidade nossa. Assim por na época que nós tava fazendo veio o outro povo de lá, que veio de Rodelas, que foi o povo Tuxá então eles chegaram aqui com o Toré bastante forte e nós não tinha o Awê forte assim totalmente igualmente eles professores ná época, era os professores. Então nós sentimos essa necessidade, ai então foi aonde que nós criamos um grupo nessa época que foi eu Anarí, Jerre e Nitxinawã, que é lá de Coroa, e Dasneves também, e Dalva lá em Boca da Mata e Juliana. Aí fomos essas pessoas, então falamos assim então agora chegou a nossa vez de também de mostrar, então nesse primeiro módulo que foi do curso do magistério indígena aqui em Barra Velha aí então nós pecamos por isso. E aí nós sentimos envergonhado. Sincero! Por vê o Toré deles muito muito forte então e nós não tava com o nosso Awê que é o..também assim...eu se coloco pelos professores que estava né, os professores não estava assim...incentivado não tava com o Awê assim preparado para poder tá alí, foi aonde que nós começamos a trabalhar toda a parte escrita do Patxôhã e também na comunidadeò (Professor Itajá Pataxó, em entrevista em 12/10/2015)

Para Itajá, todo o trabalho de pesquisa já havia iniciado muito tempo antes com o parente Kanátyo e o que aconteceu neste momento da história foi o fortalecimento da pesquisa e a iniciação por parte de novos pesquisadores *foi aonde nós começamos a trabalhar toda a parte escrita do Patxôhã.*

Ao perceber que precisaria fortalecer mais o ritual do awê e pelo interesse de saber mais sobre as histórias e língua do seu povo, os professores indígenas do curso de magistério partiram para a uma pesquisa de campo onde o professor Itajá relata a metodologia usada e a divisão das tarefas entre os estudantes-pesquisadores Pataxó:

> Daí pra cá nós começamos a pesquisar né, todas essas palavras fomos para os mais velhos mesmo aí agente fomos pesquisar os mais velhos da nossa aldeia né. E pegamos o que já tava escrito um pouco aqui na aldeia já, que era o Patxôhã, que tinha um pouco escrito como por exemplo: myãga, tupsay, era mãgutxy, kayãbá é.. masaká. Essas e outras palavras que era usado. [...] então e aí nos só fomos acrescentar o vocabulário mesmo na verdade né, vão botar, vão pesquisar...e aí nós...assim que acabou o curso de magistério aqui na aldeia aí nós fomos pra comunidade mesmo fazer a pesquisa mesmo de..com os mais velhos né. E aí foi aonde nos fomos, aí um grupo ficou aqui, eu e Anarí ficamos aqui responsável de coletar aqui em Barra Velha, Jerre e Nitxinawã ficou de coletar lá ne Coroa, e Dalva e Juliana em Boca da Mata. Aí nos conseguimos. O primeiro momento nós se

> juntava se encontrava no curso de magistério aí cada um de nós levava aquilo que nós tinha pesquisado. E lá agente se sentava e se juntava que aquilo que nós encontramos na aldeia, e aí nós juntava e passava só pra uma, pra uma folha, bem dizer assim né: Não aqui nós estamos aqui vamos colocar essas palavras, isso que eu consegui..né. e aí depois com mais tempo agente foi fazendo isso fomos juntando mais palavras né. (Professor Itajá Pataxó, em entrevista em 12/10/2015).

Durante o curso de magistério indígena, os estudantes-pesquisadores tiveram a oportunidade de visitar outros parentes em outras aldeias com o objetivo de coletar palavras, inclusive nas aldeias Pataxó de Minas Gerais:

> Nos tivemos em Minas Gerais né, lá com Kanátyo, nós ficamos na aldeia dele lá uns quatro dias, o grupo né, [...] nós ficamos lá com Kanátyo pegamos o que ele já tinha escrito né para poder...que era bem dizer dois povos mas separado lá em minas e aqui na Bahia né e pra poder não ter essa interferência de palavras né. (Professor Itajá, 12 de Outubro de 2015, trecho de entrevista).

Além dos parentes Pataxó de Minas o grupo de pesquisadores visitaram outras comunidades como os Maxakalí e os Pataxó Hãhãhãe:

> Aí nós chegamos aí fomos apresentar lá no Maxakalí. Isso que foi mais difícil, pra nós, porque eles tem a língua deles própria. Ainda falam, até hoje né. E nós tava iniciando, a escrita, e aí nos queria saber se...sobre o tronco, se tinha algumas palavras bem parecida com a deles, e nós encontramos né (..) por exemplo a palavra myãga, né. A palavra myãga os maxakali usam e (..) aqui o nosso povo também já estava usando a nossa palavra myãga aí agente não quis mudar. E outras palavras que tava lá no meio deles, né. E então qual foi a interferência que houve em cima disso? Aí eles colocaram pra nós porque o povo maxakali e bem próximo a gente né, então alguns parentes aprenderam a falar o maxakalí, é.. aprendeu falar não, aprendeu algumas palavras e trouxe praqui̇ò.
>
> Tivemos também lá em Barretá com uma senhora que teve, que tinha um pouco conhecimento de Barretá nós tivemos com ela também fazendo trabalho[...]Barretá já falava, era uma senhora de idade que falava também. Aí só que lá nós não encontramos nenhuma palavra que cedesse aqui a nossa língua também. Só tivemos lá para ter uma ideia e tudo né, então agente andou além de minas, Maxakali e também lá na Barretá que é o Pataxó Hãhãhãe que hoje vive lá. Então para poder agente não ter essa interferência de palavras ou dizer assim nós tem uma palavra aqui que o povo Barretá também fala aí nós tivemos esse cuidado de fazer também lá com eles né, com os Hãhãhãe.

> Aí nos tivemos também junto com um senhor essa pesquisa ne Comuruxatiba que foi também com um senhor que é Aimoré ele já faleceu agora no momento aí nós tivemos com ele né. As palavras que nós tinha lá com ele, que ele usava, que ele usava,e que nós usava aqui também que era o tupsay, né. O tupsay, né. Ai ele falou: não eu já aprendi com o povo de lá de Barra Velha. Então aí.. então não houve essa interferência mas ele explicou pra gente também como que foi esse conhecimento que ele passou a ter do Patxôhã, mas ele falava uma língua que não tinha esse conhecimento, nós não tinha nenhum das escrita né, das nossas que nós já tinha colhido nas comunidades aí não houve nada disso de interferência, só a única palavra que no momento agente achou só era a palavra tupsay que ele falava. (Professor Itajá Pataxó, em entrevista em 12/10/2015).

A partir da pesquisa mais aprofundada pelos estudantes-pesquisadores sobre a língua, o trabalho veio ganhando visibilidade nas comunidades e até fora dos âmbitos das aldeias chegando a ser tema de discussões em seminários como relata o professor Itajá:

> Houve uma discussão de diversos antropólogos até da Europa, da Itália veio pessoas de lá para poder..já teve esse conhecimento e houve um encontro em Porto Seguro de antropólogos do Brasil inteiro né, mais de 500 antropólogos e outros. E agente fomos fazer parte dessa mesa também, na época, foi eu Anari, Kanátyo e Jerre e mais pessoas da comunidade, caciques na época, e que houve uma discussão diversas, que eles colocaram interferindo que Pataxó não tinha língua nenhuma né, aí que isso aí foi uma coisa inventada na época, né só que aí Kanátyo correspondeu pra eles assim: Inventada não. Nosso povo já falavam, só que estava adormecido, ele estava alí para essa semente nascer, e essa semente nasceu nesse momento que foi o Patxôhã [...], então pra poder continuar né, eles não queria aprovar essa língua nossa, aí nos falamos assim: Nós não estamos fazendo para vocês nós estamos fazendo pra nós, para o nosso povo. (Professor Itajá Pataxó, em entrevista em 12/10/2015).

Ao referir que *Pataxó não tinha língua nenhuma* podemos perceber a ideologia do grupo de antropólogos e linguistas presentes neste encontro, eram aqueles de visão estruturalista que não conseguiram se libertar do tradicionalismo implantado em suas cabeças nas Universidades. O que temos apenas a lamentar por eles, pois, somos livres e somente quando estamos livres podemos ter novas visões, uma visão ampliada do mundo ao nosso redor.

Com a certeza de que estavam fazendo um trabalho para um povo e não para o outro concordar ou dizer isso é e isso não é língua que o parente responde que aquilo que estavam fazendo não era para o não indígena era para o povo Pataxó, e isso é o que sempre afirmamos

e temos como objetivo. *Nós não estamos fazendo para vocês nós estamos fazendo pra nós, para o nosso povo.*

Após toda esta jornada de discussões e pesquisas, o grupo de pesquisadores Pataxó se reúne novamente para realizar e organizar a ortografia das palavras de uma forma que se aproximasse o mais próximo possível da fala dos velhos das aldeias. Neste momento muitos jovens se interessam em aprender essas palavras coletadas. É assim que o grupo ganha mais integrantes como Ajurú e Awoy, que atualmente fazem parte da coordenação do grupo ATXÔHÃ.

Através do vocabulário coletado, que era de aproximadamente 1500 palavras, o grupo se entusiasma e começa a traduzir e a fazer músicas na língua. Para isso conta com a participação de muitas pessoas como dona Su: dara, dona Jabuticaba, Iaria, Iruana, Ildina, Arawê, entre outras(os) guerreiros e guerreiras Pataxó.

Desta forma, o grupo de pesquisadores se constrói e amplia os seus participantes, e para marcar o trabalho é dado um nome a este grupo. O grupo de pesquisadores foi denominado de ATXOHÃ, que significa língua. Neste processo a pesquisa da língua ganha mais importância inclusive para as lideranças e caciques:

> Houve um fórum de cacique aqui em Barra Velha e na pauta tava a apresentação pra o conselho de cacique, o conselho de cacique aqui, mesmo aqui em frente a escola que era a escola no momento, e nós apresentamos as palavras para o conselho de cacique se eles aprovava ou não o trabalho que tava sendo feito. E aí foi feito uma ata foi feito tudo, e aí eles aprovaram o trabalho daôgente. (Professor Itajá Pataxó, em entrevista em 12/10/2015).

A pesquisa ganhou bastante importância onde através deste fórum de caciques que os pesquisadores tiveram oportunidade de apresentar o trabalho que estavam desenvolvendo nas comunidades. Após a apresentação obtiveram a aprovação das lideranças o que fez com que os pesquisadores se sentissem mais incentivados ainda para continuar pesquisando. Após a aprovação dos caciques e das lideranças, as comunidades indígenas começam a se interessar a dar mais um passo no fortalecimento da cultura e da língua Pataxó. Surge então a necessidade do professor de Patxôhã, o que veremos na próxima seção abaixo.

Atualmente o grupo de pesquisa denominado ATXOHÃ, que no início era um grupo formado apenas por jovens das aldeias de Barra Velha e Coroa Vermelha, hoje abrange todas as aldeias Pataxó. Desta forma estão envolvidos todos os professores de Patxôhã, os novatos e os veteranos. Dentro do grupo temos os coordenadores de área, que têm a responsabilidade de

acompanhar os professores nas escolas. Cada coordenador fica responsável por 05 ou mais aldeias para fazer este acompanhamento.

Reconhecendo o trabalho já iniciado em Barra Velha pelos parentes na década de 70, o ATXOHÃ baseou-se na mesma linha de pensamento dos primeiros pesquisadores, pois os objetivos principais eram e ainda são os mesmos, ou seja, ir à busca e aprofundar no registro/documentação da História, Cultura e Língua Pataxó a fim de contribuir no fortalecimento da identidade do povo Pataxó.

Já estamos fazendo o VI encontro de Patxôhã e nesses encontros discutimos assuntos referentes a metodologias, fazemos trocas de experiência de trabalhos desenvolvidos nas escolas, discutimos a ortografia de nossa língua e ultimamente estamos organizando para a produção de materiais didáticos para concorrermos em futuros editais, com o objetivo de termos mais instrumentos de apoio aos professores de língua e cultura Pataxó.

3.3 Ãbakoháy Ì pú ipakâié Ì g akâiéôatê upâ pataxí Imamakã ãkgaré iõ ihábnká txóp akuêg hÌ iõ êtxawê upâ Atxôhã imamakã Pataxó ï iõ Patxôhã ï Memórias de professores e lideranças da aldeia Mãe sobre o início dos trabalhos com o ensino da língua materna Pataxó ï o Patxôhã

Em nossa aldeia a Educação Escolar está entrelaçada com a comunidade. Percebemos que ela não é apenas um processo de ensino aprendizagem de um conhecimento, é um processo dinâmico de ensino aprendizagem de conhecimentos, a educação tem que partir de dentro para fora não ao contrário, pois, até poucos tempos a escola era como o olho de onça, que puxava e escondia nossos conhecimentos e o que predominava era o conhecimento do outro. Mas, hoje estamos mudando e temos que andar com ñUm pé na aldeia e um pé no Mundoò (Kanátyo Pataxó, conversa informal) ensinar e aprender com os dois conhecimentos os de nosso povo e com os dos outros. Os conhecimentos internos de nossos velhos, de nosso povo ï o que se denominam conhecimentos tradicionais, e conhecimentos externos dos livros, do não indígena ï o que se denominam conhecimentos científicos.

Sendo uma educação da escola e comunidade é que hoje, finalmente, podemos mudar e fazer um ensino do nosso jeito. Agora estamos caminhando e fazendo uma educação do nosso jeito de ser, de pensar, de ver o mundo e de viver nele junto com todos os seres existentes. Agora estamos tomando conta e fazendo uma escola realmente com uma educação indígena específica diferenciada intercultural e bilíngue. É desta forma que estamos quebrando a ideologia da escola integracionista, a saber, o processo de integração do povo nativo à sociedade não indígena, não é de hoje, ele é desde a invasão de nosso território.

A partir de quando os colonizadores pisaram em nosso hãhãw e invadiram nosso território trouxeram consigo os seus maus costumes e suas ideologias destruidoras para serem implantadas em nossas terras, trouxeram o modelo capitalista, a igreja, a escola e impôs sua língua. Ao tratar de escolarização e língua, em nossa comunidade a cultura Pataxó e de certa forma a língua, começaram a serem trabalhadas aos poucos de uma forma sutil que depois ganhou força. Mesmo sendo uma escola integracionista, na escola de Barra Velha ainda quando a educação era de responsabilidade da FUNAI, algumas professoras começavam a trabalhar com algo do cotidiano da aldeia. Desta forma faziam aulas extra classe e para isto utilizavam o espaço da aldeia e os conhecimentos tradicionais do povo. Segundo o cacique Oziel, da aldeia Pé do Monte, em conversa informal, na escola tinha muitas brincadeiras, as chamadas gincanas escolares, onde se dividia os estudantes em equipes para fazer várias brincadeiras (pegar a maior raiz de mandioca na aldeia, falar um verso mais bonito, etc.). Então, de certa forma, a escola já usava algumas metodologias usando os conhecimentos tradicionais.

Para compreendermos e refletirmos como se deu o início desse processo de ensino da língua Patxôhã na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha e analisarmos as demandas atualmente do ensino, trago alguns relatos de professores da língua Pataxó e uma das lideranças que acompanhou este processo.

Antônio Ferreira, o Arawê Pataxó, já citado, é um jovem ancião da nossa aldeia. Por muito tempo foi um dos principais organizadores dos eventos culturais da aldeia, é uma liderança, hoje ainda é um de nossos grandes mestres no que se refere à organização da vida cultural de nosso povo, foi também o primeiro professor da língua materna em nossa aldeia. Ele contou um pouco do início dessa história, deste processo de ensino aprendizagem e de como ele ingressou na escola para dar aulas de cultura:

> Eu fui de umas pessoas né, desde quando o tempo que era criança, eu participava de todas as atividades da comunidade. Inclusive mesmo, a minha tarefa foi participar mais do Awê né. É...desde criança tinha os mais velhos que num existe mais, e aí eu fui acompanhando toda essa rotina é ... o lugar de nós dança era alí na casa do finado Pifane, eram poucas pessoas, né. E aí, a nossa, a nossa...assim, um tempo nós tinha de fazer aquele Awê é...só que era o Awê, era mais...tinha mais assim, um jeito mais formado de...que dançava de flecha né, com as flechinha dançando, é tinha jogo como a dança mesmo Aruanda que é dançado jogado na flecha. Então eu gostava de ouvir muito assim, esse trabalho dos velho, vinha acompanhando né. E aí eu acompanhei muito essa rotina de trabalho pra...mais os povos mais velhos... de história...como vocês mesmo sabe...que eu fui de uma pessoas que

> vim acompanhando...mais pra gente chegar o que tá hoje num foi fácil, agente passou por série de coisas, como a história vocês mesmo sabe...é...a maestre que agente acompanhava que era do Awê, era a finada Vicentina ela foi de umas que incentivava agente pra gente cantar o Awê né. [...]
>
> E daí, sim, eu fui prêssa luta, fui prêssa luta, e já vai já vai, hoje amanhã, e sempre acompanhando...aí também tio Mané Santana tinha o interesse né, da coisa, tinha Salvino também, aí já foi mudando né. Aí quando chego os professores branco né, que passaram aí por Barra Velha, tal e tal. E a gente já começamos a fazer os trabalho na escola. Mas, só que eu interassava mas num tinha nada interesse ne dinheiro né. Que num...era voluntário eu fazia aquilo por amor, pelo que eu gosto, porque eu gosto do Awê. Eu faço aquilo num é pra mostrar pra não índio né. Eu faço o que é meu, uma coisa que eu sinto feliz quando eu to dentro do Awê[..]então é isso. Aí foi, foi, aí pra escola e tal agente acompanhou [...] já vai, já vai, já vai, e aí com mais tempos né, ai chegô Soraia, Deusuleide, falô, ela falô: _ Antônio, rapaz, agente pudia dar um jeito pra ter um ganho pra você. Ai eu falei: que jeito é que você vais fazer?
>
> _e aí você vai dar aula na escola. Eu falei assim: Rapaz que jeito é que você vai fazer? ï Vamos em Porto Seguro. Aí...fomos em Porto Seguro, num tinha assim...dentro da lei, do currículo, num tinha como pagar um salário pra professor indígena, num tinha. Foi feita lá a reunião e num teve essa oportunidade. Ela falô:_não, né por isso que você num vai continuar, você trabalhar na escola, você vai ajudar agente, você vai ajudar agente, você tem que ajudar mais esse povo Pataxó. Eu falei: então Soraia aí...você que sabe, você mais Deusuleide. Aí o que elas me pagava, 50 reais, uma dava 25 outra 25, ai me pagava esse mês. Ai eu fui dando aula né, dando aula de história né, dando aula da linguagem, dando aula da cultura, da pesca e...tudo isso aí, porque agente quando fala em cultura ela meche com vários processo que nós veve o dia a dia, nós se veve o dia a dia então. E aí eu fiquei aí, um...num sei, eu me esqueci o tempo, e aí fiquei trabalhando com esse 50 reais né. E aí ela disse: _Antônio, e agora nós estamos saindo. E aí como vai ficar a situação? Por que nós estamos saindo e nós num tem como pagar mais você. Falei: não tudo bem, né por isso que eu vou ficar triste, né. Porque antes, antes nós num vinha fazendo, porque, por causa de 50 reais eu num vou fazer? né. Não vamos deixar isso aí e tal, elas saíram né, todas duas foram embora. E aí agente ficou, como vocês mesmo vê, meu trabalho, eu gosto do meu trabalho com mais respeito, com mais amor, com mais carinho, humildade, com mais talento né [...]. (Arawê Pataxó, em entrevista 12/01/2016)

Ainda no início do ensino da língua e cultura Pataxó, no início da década de 90, a escola contou com a contribuição de um segundo professor ï o professor José Conceição, o Itajá. Ele foi o segundo professor de língua Pataxó na escola da aldeia Barra Velha, hoje atua

como professor de um projeto chamado esporte e lazer que é um projeto onde visa as práticas de etnoesportes com crianças e adolescentes Pataxó. Ele contou um pouco de sua história e de como foi esta experiência.

> Meu interesse pela educação, já vei de um interesse desde quando eu passei mesmo a conhecer e envolveu também assim...um pouco do...[...] sobre a trajetória do magistério né. Quando aconteceu aqui em Barra Velha e...aconteceu essa coisa rápida, tava acontecendo o magistério e o meu nome não estava na lista, e...e aí eu entrei assim, sem participar mesmo da própria, na época, sem o cacique sem a liderança, sem nada. Eu entrei como ouvinte. E aí eu falei:_Não, eu quero fazer o curso de magistério. Isso foi quando eu comecei junto com o grupo. Que eu falei assim:_eu quero fazer o curso de magistério, então eu tou interessado. E aí o pessoal deixaram a oportunidade, também na época pra mim, aí eu entrei. Aí dessa época pra cá eu comecei já, já...[...] estudar, fazer o magistério, ainda não trabalhava na escola ainda, né. Isso já foi no final do ano já, de 93. Em 94, como já tava...aí eu fui pra escola mesmo, já como professor de Patxôhã, nessa época. Mas, o pessoal já tinham essa visão de mim, de tá participando sobre a cultura, né, de tá em frente, sempre fazendo algo pra comunidade, quando era na época da preparação para o mês de abril, eu sempre tava alí presente, sempre pintado e tudo, então o pessoal já tinha essa visão pelo povo da comunidade, principalmente as liderança né. E aí aonde eu comecei a trabalhar na escola, então foi da onde que vêi. Pelo olhar também da comunidade né, a comunidade teve esse olhar de perceber e aí me apoiaram na época, como professor e professor de Patxôhã. Como nós já tinha iniciado na época, a trabalhar a pesquisa então, disse:_então você vai trabalhar como professor de Patxôhã. Então agente vêi daí junto com Arauê, Arauê também [...] nós trabalhamos junto, nessa época, também junto com ele, então foi aonde que...nós assim na época, foi já se...multiplicar né, a educação e buscar a educação que hoje nós temos né, que a proposta nossa era buscar essa educação, que era uma educação própria nossa de uma forma que agente queria, de uma forma que o povo queria, de uma forma assim que a comunidade se queria também[...]. (Professor Itajá Pataxó em entrevista em 19/10/2015)

Como pudemos perceber nas duas histórias contadas pelos primeiros professores de Cultura Pataxó, a comunidade foi uma grande parceira que sempre apoiou os trabalhos, tanto nas pesquisas quanto no apoio do trabalho dos professores, e a comunidade e as lideranças eram quem observavam e observam o perfil de cada um dentro da aldeia, como relatou Itajá:

> [...] o pessoal já tinham essa visão de mim, de tá participando sobre a cultura, né, de tá em frente, sempre fazendo algo pra comunidade, quando era na época da preparação para o mês de abril, eu sempre tava alí presente, sempre pintado e tudo, então o pessoal já tinha essa visão pelo povo da comunidade, principalmente as liderança né.

Pois se a comunidade observar que a pessoa não é adequada ela acaba não apoiando aquela pessoa, mas não foi o caso dos professores. Além da comunidade e as lideranças apoiarem o trabalho algo que temos conosco é o sentimento de fazer algo para contribuir para o nosso povo. É muito interessante a atitude de Arawê, quando em sua história, no momento em que as professoras iriam embora e não teria como continuar pagando ele para trabalhar na escola onde ele fala: *não tudo bem, né por isso que eu vou ficar triste, né. Porque antes, antes nós num vinha fazendo, porque, por causa de 50 reais eu num vou fazer? né.então* o que importa não somente para Arawê, quanto para nós, não é o dinheiro e sim esse sentimento do sentir bem, feliz em fazer um trabalho que vai ajudar a nossa comunidade, o nosso povo.

Após o surgimento do primeiro curso de magistério Indígena, da pesquisa realizada e da aprovação do conselho de caciques Pataxó, surgem então novas demandas com relação à língua Pataxó. Pois, o trabalho cresceu e havia a necessidade da contratação de mais pessoas para trabalharem com a questão cultural e linguística nas escolas. Neste tempo, segundo a liderança Pataxó da aldeia, Adalto Nascimento conhecido como Sarakury Pataxó, a aldeia Barra Velha estava ativa na luta para o fortalecimento da cultura, através de um centro cultural que tinha na aldeia e também dos eventos culturais na aldeia, e segundo ele é neste momento que surge a demanda da contratação de professores e o que contribuiu para a efetivação desta demanda foi de certa forma a política como podemos ver no trecho abaixo:

> Foi na época também, que surgiu logo imediatamente, né. Isso em 2004, a primeira questão dos índios se discutirem que seria viável, importante pra tirar um índio pra poder sair como candidato, a vereador. Que no qual me indicaram a minha pessoa pra sair como candidato. Eu empolguei, me admirei na possibilidade da visão do povo. Sem conhecer muito profundo a questão política, né. E daí eu me surgi, sai candidato. Mesmo sem experiência, mas com a experiência como liderança e apoio da minha comunidade, me fez com que eu fui pra frente nesse sentido, né. Que quando, a política passou mesmo eu não ganhei, por poucos votos, né. Na primeira eleição eu tive 479 votos, né. E na qual nossa comunidade não tinha essa média de 860 eleitores na região, mas na percentual eu fui um candidato bem votado. Vamos dizer, quase 50% dos votos foi acreditado na minha confiança [..]. Ai depois que eu entrei nessa campanha, esse projeto veio se aparar em nossas mãos, né. Como eu trabalhava na própria aldeia, até hoje. E Soraia representava, né, a superintendência. Que nós queríamos alavancar junto com as lideranças, alavancar de criar uma superintendência indígena. Que o nosso papel do projeto era criar uma secretaria indígena, mas como não foi aprovado pelos câmara de vereadores porque nós não tinha vínculo, até hoje nós não tem vínculo forte dentro da câmara, né. Pra poder aprovação de leis. Mas, nós intermediou ao prefeito, [...] que

> esse projeto(o da língua) teria que ser aplicado dentro das áreas indígenas, como? Aí como Soraia já tinha prestado muitos anos de serviços aqui em Barra Velha, sugerimos de criar uma modalidade de alguns educadores, de professores como professor, dá aula em cima desse livro no Patxôhã entendeu? Que foi difícil pra nós consegui, no início nós conseguimos 04 vagas de contrato de Patxôhã que foi um pra Barra Velha, outro pra Coroa Vermelha e outro pra aldeia Velha e outro pra Boca da mata, se eu não me engano. Essas foi as quatro aldeia maior que tiveram a primeira oportunidade de ter o professor linguista no Patxôhã.[...] logo no início foi tão difícil. Surgiu debates, porque garanti esse professor? E assim sucessivamente ia. E nós sempre colocamos os pés no chão e dizendo: não, isso pra nós, principalmente pra nós indígenas é um ponto principal de fortalecimento, principalmente dentro de nossas escolas. E aí fomos demandando, aí veio o outro governo e aí foi ampliando mais professores né [...]. (Sarakury Pataxó, em entrevista em 31/10/2015).

Como pudemos ver no trecho da entrevista acima, a partir que o parente Sarakury entra na campanha política é que se abre uma porta para o diálogo entre aldeia e prefeitura com relação à língua ou a contratação de professores de cultura para as escolas Indígenas Pataxó. A língua se tornou uma questão de política onde houve essa intermediação ***ñ****nós intermediou ao prefeito, [...] que esse projeto(o da língua) teria que ser aplicado dentro das áreas indígenas, como?"* Para conseguir a contratação não foi fácil como afirma Sarakury s*urgiu debates, porque garanti esse professor?* Essa foi uma questão colocada pela prefeitura, que os parentes tinham que se posicionar e justificar a relevância de se ter um professor nesta área. Foi através do desejo de fortalecer tanto a língua quanto a cultura que as lideranças e as comunidades conseguiram esse apoio da prefeitura. Mas, não foi fácil, [...]*logo no início foi tão difícil* [...]"*E nós sempre colocamos os pés no chão e dizendo: não, isso pra nós, principalmente pra nós indígenas é um ponto principal de fortalecimento, principalmente dentro de nossas escolas."* Então foi desta forma com o pés firmes no chão que os parentes conseguiram as 04 primeiras vagas para os professores de língua Patxõhã, vagas estas, de início, destinadas às aldeias maiores. Mas como seriam escolhidos estes professores?

De início como já visto, é a comunidade que apoia os professores, e segundo o professor Itajá uma forma de formar um professor nesta área é através do incentivo de cada professor. Segundo ele neste processo de ensino da língua e cultura muitas crianças se destacavam nas aulas, o que fazia com que os professores veteranos fizessem um trabalho minucioso de incentivo e fortalecimento com eles. Através disto é que foram se formando os novos jovens professores da aldeia. Nos relatos dos professores atuais veremos um pouco da história de cada um deles como educadores.

Atualmente temos 04 professores de Patxôhã na escola de Barra Velha: Humberto Braz do Santos, Erlânio Alves dos Santos, Alex Ferreira Pinheiro e Uilding Cristiano Braz. 1) O professor Humberto conhecido como Wyrapurú Pataxó, trabalha atualmente no Ensino Fundamental II, desde as turmas de 6º ao 9º ano. 2) O professor Alex conhecido como Wrukurunã Pataxó, trabalha atualmente nas turmas do Ensino Médio do 1º ao 3º ano. 3) O professor Erlânio, conhecido como Arypôtxê Pataxó trabalha no Ensino Fundamental I, com as turmas do 3º ao 5º ano. E o 4º Uilding, conhecido como Txyhý Pataxó, que trabalho no Ensino Fundamental I, nas turmas do 1º e 2º ano, e com as turmas da Educação Infantil, com as turmas de pré I e II.

Para contar um pouco dessas histórias trago as vozes escritas dos relatos contadas pelos parentes professores atuais da língua Patxôhã em nossa aldeia.

O professor Wyrapurú Pataxó, se apresenta na língua e conta um pouco do início de seu trabalho da seguinte maneira:

> .ahnã mêõáôxó Wyrapurú, ahnã mêõáôxó ipakâié Ì pú Patxôhã, ahnã edhú uọ kanã pataxí imamakã , akuêg Ì pú kijƐtxawê Txihihãi Arahunaõá Makiami
>
> Meu nome é Wyrapurú né. Na nossa língua, conhecido também como Humberto, sou professor de língua indígena, da disciplina de Patxôhã,né. Moro na aldeia Barra Velha já 29 anos. Nasci e estou sendo criado aqui na minha aldeia. [...] No início assim quando...antes de eu ser professor. Eu era uma pessoa muito participativa em questão da cultura, principalmente nos rituais, né. Quando fazia dentro da comunidade como por exemplo, a festa do dia 19 de Abril.[...] eu antes de ser professor, eu juntamente com alguns jovens já...a gente já tentamos levantar um grupo de cultura dentro da nossa comunidade né, de jovens. Por um grande momento a gente conseguiu o nosso objetivo e onde assim a gente fazia muito o trabalho do ecoturismo, né. Começamos alí na reserva do pajé, pajé KahÌ xo. Como o espaço era pequeno, nós tentamos procurar um espaço maior, na reserva conhecida como saco. E depois eu procurei um lugar assim maior né, bem mais distante do centro da nossa aldeia né, como nossa aldeia a cada ano que passa está sempre cada vez mais evoluindo né, e assim a gente queria mais um lugar assim próximo a um rio a uma mata né, pra que a gente pudesse fazer o nosso ritual sentindo a presença de nossos espíritos, dos nossos antepassados e até mesmo a presença do espírito da própria natureza. Por um grande momento agente fundamos uma reserva alí no porto do boi, juntamente com os parentes de lá também e alguns parente daqui da aldeia Barra Velha. Depois dessa jornada de atividade né, como na aldeia Barra Velha só tinha apenas um professor de Patxôhã, e esse professor depois, como ele saiu da aldeia pra morar fora. Esse cargo de professor ficou livre né,

> perante a comunidade. E assim, como eu era uma pessoa muito participativa em questão da cultura, no ano de 2006, antes mesmo de começar o ensino médio né, eu fui convidado pelo diretor Aurenilson né, conhecido como Aurim. Pra tá fazendo esse trabalho de formiguinha dentro da nossa aldeia né, dentro da escola. E assim, eu aceitei o convite dele, porém assim nunca tinha nenhuma experiência em lhe dá com aluno, principalmente dentro de uma sala de aula, dentro de quatro paredes, né. [...] (Professor Wyrapurú Pataxó, em entrevista em 26/08/2015).

O professor Wrukurunã Pataxó, iniciou sua história saudando a todos na língua da seguinte maneira:

> !Takohã dxahá anehõp .Kâupetõ kohtú mêõá WrukỈ, Wrukurunã, ahnã tohotê nitxi aponãhí ikô torotê txõg hỈ anehõp taputarí xohã iõ jôopek, dxahá napinatô niamisỈ

> É Assim, contar um pouca da minha experiência de trajetória também enquanto professor, jovem, fazendo parte também das liderança, a gente não deixa de ser uma liderança também. É... Logo de início a gente sempre veio nas momentos de rituais nosso, né. A juventude nossa mesmo, a gente sempre tava em frente, destacando nos momentos de rituais né. Lá no tempo de criança ainda...nossa infância ainda. E a gente sempre tava em frente né. nos awê, nos rituais que vinha acontecendo na nossa comunidade...e a gente veio se destacando né, vem se destacando. Agente vem se aparecendo na comunidade e a comunidade também ela vai visando né. O destaque que a gente vem tendo na comunidade[...] e no momento desse foi onde surgiu a oportunidade né. Da gente tá trabalhando em sala de aula né. Pra trazer a cultura pra dentro da escola também né. Que a escola e a comunidade e a comunidade e a escola a gente sabe que caminha junto né . Quero agradecer muito também ao nosso ex diretor Aurenilson, né, que ele, ele que abriu essa oportunidade pra que eu fizesse um.. mostrasse um pouco do trabalho, né. Poder fortalecer um pouco da cultura pra passar pra nossas crianças, né. Então a partir daí eu comecei a trabalhar na escola, né. Agradeço muito a ele também e a comunidade que apoio, né, a partir do momento que ele apontou meu nome pra poder fazer esse trabalho na comunidade, a comunidade aceitou né, pelo desempenho né, o desenvolvimento que agente vinha tendo. E eu desde 2010 eu comecei a fazer esse trabalho na escola, né [...].(Professor Wrukurunã Pataxó, em entrevista em 20/08/2015)

Por sua vez, o professor Arypôtxê Pataxó, saúda a todos e contou da seguinte forma a sua história como jovem professor de nossa aldeia:

> !!Takohã taputarí [...] kâupetõ kohtú mêõá Arypôtxê Pataxó, ahnã mêõá txihí Pataxó, ahnã mêõá ipakâié atxõhã Patxôhã, edhú Pataxí Arahunaõá Makiami [...]. Então, no ano de 2008, finalizando meu estudo de formação no ensino médio né, conclusão do terceiro ano.

> Finalizei nesse ano. E eu era um dos aluno assim que, era mais focado mesmo diretamente na cultura e... através desse desempenho em sala de aula até mesmo na comunidade, nos rituais. Os parente pôde observar né, essa participação que eu fazia, essa interação dentro da comunidade. Aí eu tive esse apoio né, diretamente do diretor que era Aurenilso, e a vice era Inaiá. Eu tive essa oportunidade de ser convocado pra ser um dos membros né, da escola, assim como professor da cultura, né, de Patxôhã. Então, no ano de 2009, eu iniciei lecionando na escola da aldeia Xandó trabalhando com as turmas multisseriadas né. (Professor Arypôtxê Pataxó, em entrevista em 26/08/2015).

Nos relatos acima, os professores nos contaram como foi o início dos seus trabalhos e como conseguiram entrar para trabalhar na escola. E é notável novamente a observação e aprovação da comunidade e das lideranças, para que uma pessoa possa atuar na escola no ensino da língua Patxôhã. Eles são os observadores e a fonte de apoio aos jovens professores no início de seus trabalhos. Nas histórias a comunidade e as lideranças sempre estão presentes, observando a cada pessoa, a cada jovem que participa das atividades na aldeia. Podemos observar nas falas dos professores essa harmonia entre escola e comunidade. Por exemplo, na fala de Wyrapurú: *Eu era uma pessoa muito participativa em questão da cultura, principalmente nos rituais, né.*

Na fala de Wrukuruna*: a gente sempre tava em frente né. nos awê, nos rituais que vinha acontecendo na nossa comunidade...e a gente veio se destacando né, vem se destacando. Agente vem se aparecendo na comunidade e a comunidade também ela vai visando né.*

E na fala de Arypôtxê*: E eu era um dos aluno assim que, era mais focado mesmo diretamente na cultura e... através desse desempenho em sala de aula até mesmo na comunidade, nos rituais. Os parente pôde observar né, essa participação que eu fazia, essa interação dentro da comunidade. Aí eu tive esse apoio né.*

Então, através dessa união entre lideranças, professores, diretores e comunidade em geral é que hoje temos os professores de língua Patxôhã na escola de Barra Velha, como disse o professor Wrukurunã, *a escola e comunidade, a comunidade e a escola* trabalham juntos.
Agora, você terá a oportunidade de ler um pouco da minha história como mediador de Cultura Pataxó, como está no currículo, ou como orientador de língua Patxôhã, que é o desejado e proposto nesta reflexão geral.

3.4 Kanã awakã ahõhê niohãgôará Ì pú Atxôhã Ì g Pakhê Pataxó ï Minha história como intermediador de Língua e Cultura Pataxó

De início, eu fui bastante influenciado, incentivado a viver minha cultura desde criança, como já visto na introdução, eu tive professores que me inspiravam e me inspiram muito.

Ainda quando criança eu sempre buscava aprender, principalmente nos rituais, com os líderes, com as pessoas que sempre estava na frente dos rituais. A observação era constante, porque eu queria ser como uma pessoa grande daquela que estava lá na frente, e eu praticava o ritual igual os parentes adultos. Isso fez com que os meus parentes me observassem e quando a gente fazia os rituais eles faziam duas filas, uma dos adultos e outra das crianças, por eles ver o meu jeito me colocavam para ser o líder da fila das crianças, desse jeito a gente fez muitos rituais juntos crianças e adultos. Um dia um dos líderes da aldeia me disse um dia: Você vai ser um grande líder um dia! E isso não saiu de minha cabeça. E assim eu fui crescendo sempre acompanhando e observando os adultos. Nas aulas de cultura o esforço e a vontade de aprender mais sempre estavam presentes em mim. Foi assim que conseguir me formar no Ensino Médio e comecei a trabalhar na escola.

Atualmente estou como professor de Patxôhã, termo usado na aldeia. Porém, na proposta curricular da escola não existe esta denominação e sim a disciplina de *Cultura Pataxó*, para o Ensino Fundamental regular e *Cultura Pataxó e Estudos Indígenas*, no Ensino Médio. Por ser Cultura Pataxó e não estudo da gramática Patxôhã, nós que trabalhamos com a disciplina de Patxôhã somos induzidos a abordar temas muito complexos em um mínimo período de tempo.

Lecionamos temas como as histórias das vivências de poucos tempos e as de longos tempos atrás; abordamos a musicalidade, danças, rituais, pinturas, confecção de instrumentos e adereços, brincadeiras e jogos, as comidas e bebidas típicas da aldeia, o artesanato, armas e armadilhas. E, finalmente, a língua Pataxó que está subdividida em vários subtemas como: o histórico da língua, as regras gramaticais, as cores, os números cardinais e ordinais, as frutas, os animais, os pronomes, dias da semana, meses do ano, partes do corpo humano, membros familiares, singular e plural, aumentativo e diminutivo. Estes são os temas que temos que trabalhar em uma carga horária, no E.F (Regular) de 1º ao 9º ano, de duas aulas semanais por turma com 50 minutos de duração cada aula. É um avanço? Sim. Mas, não podemos nos acomodar com o que temos hoje, pois, o que vemos ainda com relação à questão linguística de nosso povo é que ainda estamos deixando a língua do colonizador imperar sobre a nossa.

Como diz os mais velhos estamos hoje com tudo em mãos só basta querermos mudar as coisas. Afinal temos atualmente garantidos na Constituição Federal, no artigo 231, a legislação que garante aos povos indígenas o direito da organização social, ou seja, nossos costumes, tradições, nosso jeito de ser, de pensar e de falar. Na área da educação escolar temos o artigo 210: ***ñ****§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem****ò*** (BRASIL, 1988). Ou seja, temos o direito assegurado de fazer as nossas escolas do nosso jeito, e o mais importante, o direito de usarmos nossa língua no meio escolar.

Desta forma, temos o direito a uma educação escolar indígena diferenciada específica Intercultural e bilíngue/multilíngue. É a partir de então que entra a questão da valorização de nossa própria língua, pois, se temos todos estes direitos garantidos, se nossos parentes lutaram tanto para que tivéssemos estes direitos, por que não lutarmos e fazê-los serem cumpridos? Este é o nosso dever hoje como professores-pesquisadores e conhecedores das políticas nas quais estamos inseridos, tanto nos âmbitos da educação, saúde, de nosso território quanto também de nossa língua materna.

3.5 Tohn£puhúp arahunaôánig pâx êtxawê txó Patxôhã ï Alguns desafios no ensino do Patxôhã

No início do trabalho, nós professores sentimos muitas dificuldades, pois, quando a cultura entra na escola ela tem que ser adequada aos moldes desta instituição e para desenvolvermos um trabalho que fosse *exemplar* para nossa comunidade as dificuldades foram aparecendo. Como podemos perceber nos relatos dos professores Wyrapurú e Arypôtxê:

> No início a gente tem né, aquela ansiedade, de prestar um bom trabalho né, mas foi um pouco difícil, porquê? Apesar do conhecimento que eu tinha né, mas pra mim passar proôs meus alunos né, eu achava que era pouco aindaò. (Professor Wyrapurú Pataxó, em entrevista em 26/08/ 2015).

> [...] foi um desafio né, que eu não tinha assim aquela experiência de planejamento de aula né, como eu ia trabalhar com as crianças né? No caso, várias turmas diferente? Isso foi um grande desafio né. Tive bastante dificuldade na parte mais pedagógica. (Professor Arypôtxê Pataxó em entrevista em 26/08/2015).

As dificuldades tanto de como passar os conhecimentos para os alunos quanto as de como planejar as aulas, faz realmente este trabalho ser um desafio, muitas perguntas surgem: como eu vou ensinar? O quê vou ensinar? Será que o tempo de aulas dá para eu passar os conhecimentos da língua e da cultura para meus estudantes? Estas e outras questões ficam em nossas cabeças, pois, o nosso desejo é sempre *de prestar um bom trabalho* para nossa comunidade e mais ainda contribuir para que o nosso povo possa falar novamente a língua fluentemente no cotidiano. E desta forma o trabalho traz estes desafios para nós da disciplina de Patxôhã.

Além disso, na aldeia, ao se referir à língua, muitos ainda só conhecem como o Patxôhã, aquele que é ensinado na escola e pensam que é uma invenção por terem ainda pouco conhecimento ou esclarecimento do que vem a ser realmente o Patxôhã. Isso acontece visto que poucos foram os momentos, em nossa comunidade, que houve um esclarecimento do material linguístico que temos escrito, embora segundo o professor Itajá Pataxó, já tenha havido uma apresentação para o conselho de caciques em 2003, quando eles ainda estavam cursando o Magistério Indígena como já visto. Eles apresentaram todo o material para o conselho de caciques durante uma grande reunião, onde estavam todos os caciques e lideranças, e muitos membros da comunidade. E os caciques, ao perceberem a importância da pesquisa, aprovaram a mesma, o que fez com que os pesquisadores indígenas dessem continuidade na pesquisa. Mas, após este encontro, pouquíssimos momentos como este aconteceram na aldeia. E acredito que essa falta de momentos como este fez com que a comunidade ficasse um pouco recuada sobre o assunto. Mas na atualidade estamos aproximando cada vez mais de nossos parentes nas reuniões de pais nas escolas por exemplo, que acontece todo final de unidade.

Mas, alguns mais velhos ainda acham estranho quando falamos a língua Patxôhã e não a língua Pataxó, eles pensam como assim? Mas, a língua Pataxó não é Pataxó mesmo? Agora é Patxôhã? E com isso chegam até a criticar o Patxôhã, pensando ser uma invenção, devido ter um nome diferente, por ser Patxôhã e não língua Pataxó, pois, segundo BOMFIM (2012) a palavra PATXÔHÃ foi um nome dado para marcar o trabalho, e assim ficou sendo chamada de Patxôhã e as escolas seguiram no mesmo caminho.

Contudo, ainda hoje ouvimos várias palavras no Patxôhã nas casas onde existem as famílias que se sentem bem usando a língua com seus familiares, principalmente com as crianças. E isto nos faz refletir que esta questão da crítica sobre o Patxôhã é apenas uma questão de falta de diálogo com os nossos próprios parentes, pois, o Patxôhã, não é uma

invenção é a língua Pataxó velha, que como diz o parente Awoy, nós apenas demos um apelido para ela.

Além disso, ñPataxó não inventa, Pataxó faz. Pataxó faz uma coisa nova através de uma coisa velha, faz um colar novo através de um colar velhoò. (Kanátyo Pataxó, em conversa informal). E para fazer o colar precisamos de uma linha. Aqui nossa linha é a memória e as histórias dos sábios de nosso povo. Desta forma, temos essa linha que nos leva e traz. Uma linha que leva ao passado e nos traz para o presente.

Embora na comunidade ainda haja um pequeno estranhamento com o nome da língua na escola, o ensino do Patxôhã tem alcançado alguns espaços e quebrado essa situação. Nas reuniões de pais já não há mais esse estranhamento, pois em todas as reuniões os professores relatam como que é o ensino com os filhos dos parentes e hoje a comunidade já se acostumou, de certa forma, com o nome de nossa língua Pataxó, o Patxôhã.

Muitos pais apoiam bastante e ficam alegres ao observarem seus filhos e filhas praticando algumas brincadeiras culturais na escola ou ao chegarem em casa cantando as músicas Pataxó, falando algumas palavrinhas. O que nos ajuda bastante e nos anima, pois, assim as crianças aprendem a língua na escola e a levam também para o seio de sua família. Isso tem fortalecido bastante esse trabalho de prática linguística não apenas na escola como também na família. Além do mais é bastante notável a presença das crianças da comunidade nos rituais que fazemos como o ritual Dawê Mayõ qxê (ritual da Lua Cheia), que acontece a cada lua cheia. Os pais levam as crianças para o ritual, onde lá elas aprendem a hamiá Ìg suniatá iõ Hawê Heruê, e aprendem a conviver com seus parentes, mãgutáõirá iõ makayaba, iõ mukusuy Ìg goyáõirá iõ kaw: . É desta forma que nossas crianças aprendem a ser o que somos ï PATAXÓ ou PUTUXOOP.

Mesmo com estes avanços relacionados à cultura e língua Pataxó na aldeia, ainda encontramos alguns desafios em nosso trabalho. Desta forma, a demanda por materiais didáticos específicos que auxiliem/ajude e colaborem com o professor de língua em sala de aula ainda hoje é muito carente em nossa escola.

Segundo o professor Wyrapurú como a língua também era de certa forma novidade na comunidade, embora a comunidade já falasse a língua em palavras soltas, mas para ele essa foi uma das dificuldades enfrentadas no início de seu trabalho. Mas, como eles trabalharam? Qual foi a metodologia usada?

Uma das metodologias usadas pelos professores foi a relação e troca de experiências entre jovens e anciãos da aldeia:

> [...] não só os livros que é suficiente né. Também é importante a interação social né, dos mais jovens com os nossos anciãos né, porque o nosso ancião apesar deles muitos deles não ser alfabetizados né, mas no meu ponto de vista eles são as nossas principais fontes de saber cultural porque eles tem uma grande história de vidaò. (Professor Wyrapurú Pataxó, em entrevista em 26/08/2015)

Assim o professor Arypôtxê também buscou a sabedoria da comunidade, dos parentes como base para o ensino das crianças, o que fez com que ele desenvolvesse um bom trabalho com as crianças, apesar dos desafios como relata:

> [...] tem que tá buscando com os mais velhos, mais história fazendo mais músicas, conhecendo outras palavras que deixaram de ser falada, tá mesmo fazendo essa interação com a comunidade né, e também buscando com outros parentes né, não só da nossa aldeia mas, outros conhecimentos com outros parentes de outras aldeias né, Pataxó. (Professor Arypôtxê Pataxó, em entrevista em 26/08/2015).

Desta forma, para que este trabalho ganhasse bastante força nós professores buscamos fazer, essa *interação social*, a troca de experiência entre professores, e entre escola e comunidade, como refletiu o professor Wyrapurú ao dizer que o ensino e aprendizagem não devem ser apenas através de livros e sim também por meio da interação social entre escola e comunidade, jovens e anciãos e, além disso, a troca de experiências com *outros conhecimentos com outros parentes de outras aldeias* como afirma professor Arypôtxê.

Ainda hoje, fazemos bastante essa interação entre crianças, jovens, adultos e anciãos nas nossas práticas em sala de aula, seja para contar uma história, para falar sobre uma erva medicinal, de como se faz uma plantação etc. Muitas vezes nas aulas relacionadas às histórias, comidas e bebidas típicas, artesanatos, por exemplo, os buscamos, as nossas *bibliotecas vivas* - nossos anciãos e adultos, para que eles possam nos ajudar. Para trabalharmos em sala, pesquisamos os temas primeiramente com os anciãos ou adultos para conhecer ou aprofundar nos conhecimentos tradicionais que só estão com os mais experientes da aldeia. Eles e elas nos ajudam bastante no que se refere a esses temas e estão sempre disponíveis e atenciosos para nos receber e explicar o que sabem e isso é muito bom visto que se sentem mais valorizados ao passarem seus conhecimentos para a nova geração.

Quando não buscamos os parentes buscamos alguns livros como base de explicação de alguns acontecimentos históricos dentre eles estão: o *Inventário Cultural Pataxó* (2011), *Uma História de Resistência Pataxó* (2007), o *ARAGWAKSÃ* (2012), *Leituras Pataxó: Raízes e Vivências do povo Pataxó* (2005), e algumas vezes a internet.

Além dos livros impressos e dos livros vivos, neste processo, usamos bastante os elementos naturais que temos ao nosso redor. Para aulas de pinturas corporais usamos os elementos iõ mikaré, kanurú, tapôok, Ìg iõ tawá (o jenipapo, urucum, carvão e o barro) para confeccionarmos as pinturas. Nas aulas de práticas de brincadeiras e jogos, usamos alguns instrumentos como: iõ marakayñã (maracá), takap (lança), nakohwy (corda) zarabatana, puhuy akuã (arco e flecha), alvos.

Outra metodologia usada na parte da língua é a confecção de músicas, poemas, diálogos em Patxôhã através de desenhos e pronúncia de palavras e frases. Desta forma, a única ferramenta mais usada é a cartilha de Patxôhã, na qual estão os conteúdos relacionados à língua, suas regras gramaticais, os números, animais etc. Assim ela acaba se tornado o único material didático específico que auxilia o professor em sala de aula. Neste sentido o professor Wyrapurú relata o seguinte:

> [...] Falando um pouco das questões dos materiais, que nós temos dentro da nossa escola em apoio ne, ao nosso trabalho né. É pouco trabalho, pouco material didático a gente tem né, pra dá esse suporte na nossa educação. Hoje praticamente a gente depende muito ainda de produzir o nosso próprio material né, principalmente pra o nível de ensino dos alunos né. Nos temos aí uma cartilha no Patxõhã, que chega no máximo aí umas 2500 palavras no idioma né. Mas, isso só não é o suficiente. A gente falta material pra trabalhar com ensino infantil, até mesmo com Fundamental II, Fundamental I, com o Ensino médio né. [...] (Professor Wyrapurú Pataxó, em entrevista em 26/08/2015).

O professor Arypôtxê completou dizendo:

> [...] hoje nós, na parte mesmo da língua né, nós tá trabalhando alguns temas né, que nós tem do conhecimento nosso, mas nós precisamos mais né, bastante material mesmo didático, pra gente tá trabalhando com nossas crianças né. [...] (Professor Arypôtxê Pataxó, em entrevista em 26/08/2015).

Como podemos perceber nos relatos dos professores a necessidade por materiais didáticos é grande*: É pouco trabalho, pouco material didático a gente tem né* (professor Wyrapurú) e o professor Arypôtxê reforça esta carência: *nós precisamos mais né, bastante material mesmo didático, pra gente tá trabalhando com nossas crianças né*. Então, a falta destes materiais acaba se tornando como uma dificuldade para um melhor ensino nas escolas. Para isto temos que ser professores dos conhecimentos de nosso povo, para que possamos produzir nossos próprios materiais.

Assim, somos, de certa forma, obrigados a criar uma metodologia e materiais didáticos próprios, específicos e bem ñbrutosò, pois fazemos isto com muita vontade própria de querer ajudar nosso povo a falar fluentemente a sua língua no cotidiano. Além de tudo fazemos isto devido a ausência de materiais didáticos específicos publicados que nos auxilie em nossas práticas cotidianas em sala de aula. O que nossa escola recebe são livros de alfabetização que pouco tem a ver com o cotidiano de nossas aldeias. Temos um livro de alfabetização elaborado por professores do Magistério Indígena ï o *Alfabetizando nas Escolas Pataxó*, que só foi publicado uma única vez e atualmente há tão poucos exemplares que não dá para ser trabalhado com uma única turma de 1º ano da alfabetização, por exemplo.

Temos o programa do Saberes Indígenas, desenvolvido em Porto Seguro, no estado da Bahia, que, segundo tenho conhecimento, este programa teria como principal objetivo a criação de materiais didáticos para as escolas indígenas. Mas, o que adianta ser apenas a produção de materiais didáticos se eles não são específicos. Pois é bem isto que vejo acontecer pelo que já acompanhei os encontros do programa, pelo menos no que se refere às línguas indígenas. Como teremos uma produção de materiais didáticos específicos, se temos vários povos envolvidos, com vivências e realidades diferentes? Como teremos uma produção didática específica para cada povo se o programa não dá oportunidade de se produzir ou publicar materiais só em língua Patxôhã, por exemplo. Como os professores Pataxó vão trabalhar as saudações Pataxó, com um material feito em língua Tupinambá?

Não adianta querermos construir materiais de letramento valorizando apenas uma das variantes da língua portuguesa. O que adianta criarmos materiais nos quais pouco se aparecem as línguas indígenas. Portanto, se quisermos mesmo que o programa execute realmente seu objetivo teremos que mudar nossos pensamentos e propor uma produção específica para cada povo. Só assim estaremos cumprindo com o objetivo do programa e principalmente com os nossos anseios como professores indígenas, que é o de termos materiais didáticos específicos que nos ajude realmente em sala de aula.

É neste sentido que trago agora uma proposta de um material didático específico em nossa língua que surgiu através desta oportunidade de ser pesquisador na universidade e com as dificuldades não apenas as minhas, mas também as de meus colegas professores da área de língua Pataxó. Desta forma criei esta proposta de material didático na língua Patxôhã. Procuramos uma proposta que pudesse estar preparando caminhos para o estudante Pataxó thyoká; o caminho do respeitar um velho, de saber ouvir as histórias, saber contar sua história e a de seu próprio povo, saber e principalmente de praticar a oralidade de nossa língua. E

nesse sentido procurar formá-los e prepará-los para conviverem como cidadãos Pataxó e como cidadãos brasileiros, ou seja, formar pessoas que respeitem e valorizem cada membro de sua família, de sua comunidade, seus antepassados, em geral sua cultura como um todo.

Portanto, este material busca a interação e reflexão dos estudantes e tem como objetivo ajudar, auxiliar os educadores (as) em suas práticas cotidianas em sala de aula nas aldeias. E ainda para que possamos refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem que estamos realizando e que possamos ser não apenas professores pesquisadores, mas que possamos ser professores pesquisadores e autores de materiais que nos ajudem a melhorar ainda mais os caminhos que nossas crianças deverão percorrer.

É importante ressaltar que ele por si só certamente não irá fazer com que o povo Pataxó fale em seu cotidiano a língua efetivamente. Mas, será um dos instrumentos a contribuir com o fortalecimento dessa luta de retomada de nossas práticas linguísticas cotidianas em nossas comunidades.

4. UHÃDXÊ ê PÚ NIONIÊMÃ FABôBWÁ UQ ATXÔHÃ PATXÔHÃ

4. PROPOSTA DO MATERIAL DIDÁTICO EM LÍNGUA PATXÔHÃ

4. HÃTẠ UHÃDXÊ ê PÚ NIONIÊMÃ FAPôBWÁ UQATXÔHÃ PATXÔHÃ ï A proposta do material didático em Língua Patxôhã

Esta proposta de material didático específico em nossa língua surgiu através desta oportunidade de ser pesquisador na universidade e a partir das dificuldades tanto minhas, quanto as observadas nos outros parentes professores da área de língua Pataxó. Por trabalhar com crianças e por ter uma pequena kitokôchié surgiu essa ideia e pude pôr no papel o máximo de elementos que representasse a minha aldeia e meu povo.

De início, pensei em um material que tivesse algumas atividades e apenas os nomes dos animais e frutas. Porém, depois de discussões e muita reflexão com colegas e com professores da universidade surgiu esta produção. Eu mesmo confeccionei os textos e os desenhos constantes do material.

É uma proposta de um pequeno livro baseado na realidade de meu povo. ***ñ****Kuãôrá i****B*** *Pataxọ Arahunaôá Makiamiò* (Conhecendo a aldeia Barra Velha) é um material que engloba alguns dos saberes do povo Pataxó, e principalmente a língua Patxôhã, é um material que objetiva fortalecer o processo da prática oral de nossa língua ancestral-materna através do uso como ferramenta de trabalho dos professores indígenas, não apenas da disciplina de Patxôhã, mas de outras também, e poderá ser utilizado em vários níveis de ensino.

No material aparece a rua de cima da aldeia, onde fica a kijɛtxawê, e onde muitas crianças se encontram.

Tem também as frutas de nossa aldeia, e os tempos que elas estão maduras:

Alguns animais:

E algumas práticas da cultura Pataxó:

O material contém não apenas imagens e palavras soltas, mas pequenos textos o que veremos abaixo. Mas, qual a importância disso? O objetivo é que os estudantes devem entender que nossa língua não é apenas palavras soltas, eles devem perceber que nossa língua é um conjunto de diálogos, conjunto de frases levando à criança a perceber a língua Patxôhã como língua de comunicação e o mais importante a ideia de que melhor do que memorizar é praticar. Neste sentido, as frases e os pequenos textos dão essa noção de complexidade e de conjunto de palavras com sentidos. Desta forma é que as imagens, as frases e os pequenos textos contidos no livro nos ajudar a pensar isso.

Os textos são diálogos entre o personagem e leitor, onde o personagem apresenta a aldeia Barra Velha e na conversa mostra o que temos no ambiente da aldeia. Assim, nos diálogos surgem as perguntas, as afirmações, as histórias e os ensinamentos dos valores e da língua Pataxó. Como exemplo podemos observar nos textos abaixo:

a):Japoterú ahnã niãhéôxó ahnã arenêôá hÌ kanã imamakã

_ .imamakã ahnã tokerê goyá tahão hÌ ọhépôt Ì g dxiapê iõré kotót

b) .Iõ kedxure mêôá hãţ nawã dxáôá txéã pahnƐ taypâk nawã pâx ãghõ Dxahepotxê. Iõ kedxure mêôá udxêreôxƐ uǫp hãhão Ì pú muriã txiãgá Ì g tawá. Mêôá udxêreôxƐ kasiaká pâxp kêé kijemi txóp taputarí. Iõ kedxure mêôá nitxi bá: ??.taputarí, Anehõ mimôõã Ì pú kedxure

c) hotehô petõi dxáôá niomakãõhé akdxihi dxáôá nãptxê uǫ,hiáb ahõhê iõp aôatxu upâ ,hãhão upâ ,unaõã txó ,kramuhuá txó ,hãhãomuñƐñÌ Ì g txó .itôhã ...pakuixêônuk iƐ ,ãgohó tayatê mêôá kepây pukãy areneôá dxáôú hiwpã hotehô okehôy trioká Ì xé napinatôp pohƐhaw

No primeiro texto, o personagem diz: *Quando eu chego em casa eu falo com minha mãe:_ Mãe, eu quero beber café com leite e pão ou biscoito*. Desta maneira podemos ajudar os nossos estudantes com a entonação das frases ao pedir alguma coisa para outra pessoa. O segundo texto é uma explicação sobre o caju, onde ele pode ser encontrado em nossa aldeia e qual o tempo em que o caju está maduro. E no final, o personagem faz uma pergunta ao leitor: *??.taputarí, Anehõ mimôõã Ì pú kedxure* (Parente, você gosta de caju?). A partir da pergunta o professor poderá trabalhar as diferentes entonações ao falar na língua. E o último texto, é um ensinamento sobre o mundo do respeito com seres da natureza, do mundo, do céu e principalmente com a lua que é um ser importantíssimo na vida de nosso povo.

Além destes textos, outra proposta metodológica que este material propõe é que, ao trabalhar com o livro, o professor deve refletir alguns aspectos de nossa cultura, e de formação de um bom cidadão Pataxó. Os estudantes devem ser levados a refletir e principalmente praticar a oralidade da língua. Para isto alguns elementos são importantes de no momento do trabalho como:

I. os estudantes devem saber conversar com a família e saber como pedir comida e bebida na língua com uma entonação compreensível.
II. Refletir os valores relacionados aos seres do céu.
III. Conhecer os nomes das frutas em Patxôhã e seus ambientes.
IV. Conhecer os animais da mata.
V. E a prática de como se apresentar na língua.

Outras sugestões é que o professor pode fazer várias pesquisas, com os estudantes, relacionada às frutas de sua aldeia, e com isso construir pequenos textos no Patxôhã. Podemos pesquisar mais com os anciãos e as anciãs, sobre o comportamento de alguns animais da mata, e criar historinhas juntamente com os estudantes. Mas, um dos principais objetivos é levar os estudantes a dialogar. Dialogar entre eles mesmos, falando os seus nomes e os de suas aldeias,

realizar pequenas encenações uns com os outros e com isso esperamos que este trabalho possa contribuir bastante em nossas práticas em sala de aula.

Apibaɑ̃rá iɛ kõpokixay - Considerações finais

Neste trabalho de pesquisa procurei fazer uma reflexão sobre o ensino da língua Pataxó, o Patxôhã, em minha aldeia, contando um pouco da minha experiência e dando voz às pessoas que fizeram e faz parte de toda essa história, de todo este processo sociocultural histórico de nossa comunidade e de nosso povo. E como forma de contribuir com o meu povo e demais parentes indígenas e não indígenas é que trouxe essas reflexões e a proposta do material didático. Que possamos estar a cada dia, mais unidos por um mundo de igualdades, de livre expressão e principalmente de oportunidades a este mundo das Universidades, pois é através deste portal que podemos ter estes momentos de troca de conhecimentos. Cada povo traz um conhecimento e se não tivermos estes espaços, que permitam o diálogo dos saberes a sociedade não indígena acaba perdendo a oportunidade de conhecer mais de perto sobre nós, os primeiros habitantes destas terras chamadas de Brasil.

Graças às constantes lutas de líderes indígenas é que temos hoje esta oportunidade. Mas, esta conquista não surgiu por acaso, nem de uma hora para outra, ela é o resultado dessas lutas constantes com os governos até chegar neste momento da história do Brasil. Mas, as demandas das sociedades indígenas ainda são muitas em vários sentidos, na saúde, nos territórios e também na área da educação. A saber, ainda hoje, muitas, secretarias de educação, em vários estados e municípios não respeitam o direito das comunidades indígenas em ter uma educação diferenciada, muitas vezes desconhecem a legislação que nos ampara. Ou até conhecem, porém, a má vontade política, o preconceito, faz com que estas pessoas não executem um bom trabalho com as populações indígenas com as quais trabalham. Afinal, este desconhecimento, esta ignorância por parte de funcionários e de outras pessoas, é apenas um reflexo deste grande processo sócio histórico de nosso país. É um reflexo das tentativas estratégicas de exterminação das especificidades e das populações originárias, às quais os invasores chamaram de ñíndiosò.

Apesar de termos a legislação que nos ampara, infelizmente, ainda hoje vivemos em grandes lutas pelo cumprimento da legislação e por uma educação diferenciada, específica, Intercultural e Bilíngue/Multilíngue.

É neste sentido que nós povos originários estamos estudando para que possamos lutar pela execução de nossos direitos, para que possamos ter uma vida digna, pisando em nosso hãhãw praticando os nossos rituais não deixando de ser quem somos e não deixar mais os não indígenas nos passar para trás, como dizem os nossos anciãos.

Além disso, temos que contribuir com nossas comunidades. Como diz um grande cacique velho: *busque o conhecimento, mas viva a aldeia,* ou seja, para nós não adianta o estudo se ele não vai servir para fortalecer a vida de nosso povo, pois é para isto que estamos tendo a oportunidade de está vivendo neste novo mundo ï o da Universidade, o mundo dos não indígenas, pois se estudamos e não fortalecemos o nosso povo estaremos contribuindo com a ideologia integracionista dos colonizadores.

Portanto, espero que a pesquisa realizada e o material construído possam contribuir para os conhecimentos de nossos distintos mundos, indígenas e não indígenas, que as histórias e as reflexões tenham possibilitado a abertura para novas discussões, novas reflexões, e que a pesquisa e o material contribuam com novos pesquisadores e pesquisadoras.

Kohtú Ìxé Patxôhã ï Glossário

ǫdxihi: não indígena

ihnûy: irmão

ǫhé: mulher nova, moça

Kitokôǫhé: menina

Kitok: menino

Hãhão: chão, terra;

NiamisÌ: espírito criador do mundo

txawã Ìpú kanã pataxí: crianças de minha aldeia

epkorab: pedaço de madeira usado na orelha ou lábios

KijƐtxawê: escola

Txihihãi: Indígena

Pataxí: aldeia

Arahunaôá Makiami: Barra Velha

ê pú: de

Kanã: minha

Mayõôǫxê: Lua cheia

Ãgwá Ìpú hemugãy: olho de onça

masaká Ìkotxê koxuk: colar de desenho novo

hamiá Ìg suniatá iõ Hawê Heruê: dançar e cantar o ritual

iõ mikaré, kanurú, tapôok, Ìg iõ tawá: O jenipapo, urucum, carvão e o barro

iõ marakãyñã: maracá, chocalho

takap: lança

nakohuy: corda

puhuy akuã: arco e flecha

mãgutáôirá iõ makaiaba, iõ mukusuy Ìg goyáôirá iõ kaw: : Comendo o bejú, o peixe e bebendo o kaw:

Trioká: Caminhar

Makayaba: beijú

Kaw: : Bebida tradicional produzida a partir do aipim.

HÌ pukãy torotê kõpokixayõirá ï Referências

BAHIA. SECRETARIA DE EDUCAÇAO. *Professores indígenas povo pataxó- leitura pataxó:* raízes e vivências do povo pataxó nas escolas. Salvador: MEC / FNDE / SEC / SUDEB, 2005.

BOMFIM, Anari Braz. *Patxohã ñLíngua de Guerreiroò:* um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Ètnicos) ï Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Centro de Estudos Afro Orientais, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

BRASIL. *Constituição Federal.* Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 10 ago. 2015.

BRAZ, Aurenilson da Conceição. *A Escola Indígena Pataxó na Aldeia Barra Velha:* Uma história contada por quem participou de sua construção. 2013. 52 f. Percurso Acadêmico (Licenciado em Ciências Sociais e Humanidade) ï Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.

CARDOSO, Thiago Mota; PINHEIRO, Maíra Buenos (Org.). *Aragwaksã:* Plano de Gestão Territorial do povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas. Brasília: FUNAI / CGMT / CGETNO / CGGAM, 2012. (Série Experiências Indígenas, n. 1).

CESAR, América L.; CAVALCANTI, Marilda C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Marilda C.;BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Trasculturalidade, linguagem e educação.* Campinas, SP: Mercado de Letras Edições e Livraria LTDA, 2007. p. 45-66.

CRUZ, Alessandro Santos da. *A memória viva das interações entre os povos parente Maxakali-Pataxó.* 2015, 83 f. Percurso Acadêmico (licenciado em Ciência da Vida e da Natureza) ï Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2015.

GARCIA, E. F.. O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional. *Tempo.* Revista do Departamento de História da UFF, v. 12, p. 33-48, 2007. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/site/?cat=51>. Acesso em: 27 abr. 2016.

GORETE NETO, Maria. *As representações dos Tapirapé sobre a escola e as línguas faladas na aldeia:* implicações para a formação de professores. 2009. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) ï Instituto do Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP. 2009.

ISA (Instituto Sócio Ambiental) ï População Pataxó ï Brasil. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pataxo/2310>. Acesso em: 06 abr. 2016

POVO PATAXÓ, Comunidade Escolar de Barra Velha. *Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena de Barra Velha*. Porto Seguro, 2010.

POVO PATAXÓ. *Inventário Cultural Pataxó*: Tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

PROFESSORES PATAXÓ DO EXTREMO SUL DA BAHIA (Org.). *Uma história de resistência pataxó*.Salvador: Associação Nacional de Ação Indigenista; CESE, 2007.